



ANO 3 - NÚMERO 31 - MAIO 2017

# Xapuri

**SOCIOAMBIENTAL**

R\$ 10

## **ALIMENTOS: DA LAVOURA À MESA, É GRANDE O DESPERDÍCIO**

p. 08

## **BIODIVERSIDADE**

Projeto Tamar: 35 anos de sucesso na conservação da vida marinha

p. 14

## **ECOTURISMO**

Bisnau: um mundo de mistérios entre cachoeiras e sítio arqueológico

p. 26

## **SUSTENTABILIDADE**

O resgate da planetização/globalização

p. 42

SEM DOAÇÃO

Mudar essa  
perspectiva é  
mais simples do  
que você imagina.  
Faça sua doação para o  
**Movimento  
Solidário.**

[www.fenae.org.br/movimentosolidario](http://www.fenae.org.br/movimentosolidario)

COM DOAÇÃO



“**Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo  
Quero apenas contar-te a minha ternura.**”

Manuel Bandeira

## COLABORADORES/COLABORADORAS MAIO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Eduardo Henrique – Fotógrafo da Natureza. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Guilherme Richelieu – Ambientalista. Iêda Leal da Costa – Educadora. Iêda Vilas-Boas – Educadora. Izaete Tavares – Estudante. Jaime Sautchuk – Jornalista. Lívia dos Reis Amorim – Educadora. Lúcia Resende – Educadora. Luís Cláudio de Oliveira – Educador. Maria Helena Schuster – Ambientalista. Regina Sousa – Senadora da República. Thais Maria Pires – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                         |                        |
|-------------------------|------------------------|
| 1. Jaime Sautchuk       | 7. Graça Fleury        |
| 2. Zezé Weiss           | 8. Jacy Afonso         |
| 3. Altair Sales Barbosa | 9. Jair Pedro Ferreira |
| 4. Binho Marques        | 10. Neusimar Coelho    |
| 5. Elson Martins        | 11. Ieda Vilas-Bôas    |
| 6. Emir Sader           | 12. Trajano Jardim     |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
 Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 9926 0445. Revisão: Lúcia Resende e Thais Maria Pires. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info – bilíngue – todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

# A

s desigualdades sociais continuam sendo elementos visíveis e sensíveis nas sociedades ao redor do Planeta. Uma parcela dessa gente desfruta de qualidade de vida, algo que é negado à grande maioria.

Nesse quadro de injustiça social, enquanto pessoas se alimentam bem, outras, muitas outras, se alimentam mal. E tantas delas, infelizmente, sequer têm o que comer na maior parte dos seus dias. É uma verdade presente inclusive no Brasil.

A matéria de capa desta edição de Xapuri trata de outro assunto, mas que, contraditoriamente, é o mesmo assunto. Trata dos alimentos que são jogados fora por essa mesma sociedade que não consegue alimentar todos os seus componentes. É do desperdício que estamos falando.

Conforme estudos da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 1/3 da produção mundial de alimentos se perde no caminho do cultivo, nas lavouras, aos pratos servidos nos lares e lugares públicos.

É certo que essa é uma média global, que varia de país a país, mas há situações que são mais preocupantes. É o nosso caso. Segundo a própria ONU, o Brasil está entre os dez países que mais desperdiçam alimentos.

Trazemos um quadro geral desse desperdício, em todas as fases da cadeia alimentar. Não buscamos apontar culpados, mas sim fazer um retrato de uma realidade que é, no mínimo, incômoda. E, com isso, fomentar o debate sobre o tema.

Mas esta edição número 31 de Xapuri traz muitos outros assuntos que por certo irão despertar o interesse dos amigos e amigas leitoras.

Tudo, com uma boa novidade: o sociólogo e cientista político Emir Sader e o sindicalista Jair Pedro Ferreira são os mais novos membros do Conselho Editorial da revista. São muito bem-vindos.

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

Estou amando tudo [na revista Xapuri]. As matérias são super verdadeiras e nem tenho palavras para descrever a qualidade do conteúdo! Parabéns pelo trabalho!

**Ana Clara Bernardes** – Santarém – Pará. Instagram: @bernardesphotography

Muito obrigado pela revista Xapuri! Leitura leve e enriquecedora.

**Ramses Rocha** – Brasília – Distrito Federal.

Que beleza de revista! É de ler de uma sentada só, sem parar. Parabéns!

**Rosalvo de Oliveira Junior** – Salvador – Bahia.

**contato@xapuri.info**

# Xapuri 31

SOCIOAMBIENTAL

MAI 17

08

### CAPA

Alimentos: da lavoura à mesa, é grande o desperdício

20

### CONFLITOS AGRÁRIOS

Chacina de Colniza: A quem importam os assassinatos no campo?

14

### BIODIVERSIDADE

Projeto Tamar: 35 anos de sucesso na conservação da vida marinha

32

### HISTÓRIA SOCIAL

Relatório sobre escravidão negra no DF e Entorno

16

### CIDADANIA

LDB x Lei 10.639, de 2003. E o racismo com isso?

44

### UNIVERSO FEMININO

Edel Nazaré de Moraes Tenório: Uma mulher com marca de água, de mato, de terra, de flor, e de luta

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

### 18 CAATINGA

O guaxinim na Caatinga

### 36 MITOS E LENDAS

A lenda do guaraná, o fruto que contém a essência de todos os outros

### 19 MEMÓRIA

Como nossos pais Belchior

### 38 PERFIL

Pau Pereira: o professor do ABCerrado

### 22 ECOLOGIA

O andante geraiseiro

### 42 SUSTENTABILIDADE

O resgate da planetização/globalização

### 24 BRASÍLIA

Galeria Preguiça: a arte a serviço da natureza cerratense

### 48 URBANIDADE

As blitze subversivas

### 26 ECOTURISMO

Bisnau: um mundo de mistérios entre cachoeiras e sítio arqueológico

### 50 VIDA ANIMAL

Febre amarela: O macaco não tem culpa, é mais uma vítima!

### 28 GASTRONOMIA

Furrundu: o doce pantaneiro

## As imagens mais populares da @revistaXapuri

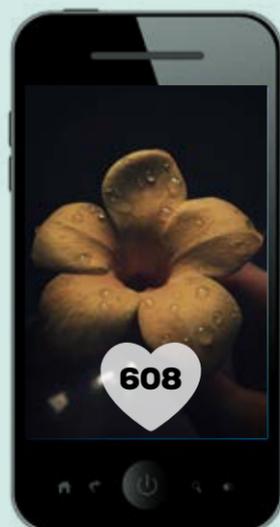
@knorrjf



@reiss\_fotografia



@enyamendezz



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



## ALIMENTOS: DA LAVOURA À MESA, É GRANDE O DESPERDÍCIO

Jaime Sautchuk

Uma carreta entra em um lugar ermo do Cerrado, para, levanta a caçamba e despeja oito toneladas de batatas. Vem outra e faz o mesmo e outras mais. Jogam fora batatas-inglesas sadias, mas descartadas na seleção mecanizada, feita logo após a colheita, pela sua forma irregular.

Esta cena é muito comum no município de Cristalina (GO), o maior produtor de batatas do país. Toda aquela carga, todas aque-

las batatas irão apodrecer sob as intempéries, caso os animais das redondezas não as comam e alguns humanos não aproveitem um pouco delas como alimento.

Não distante dali, carretas e mais carretas abarrotadas de soja, milho e outros grãos, sinogram as estradas aos sacolejos, deixando rastros de sementes por onde passam. Já nas lavouras, parte considerável das safras havia ficado pra trás, apesar do re-

quite tecnológico das máquinas colheitadeiras.

Nos atacadões das cidades, final de dia, restos de frutas, legumes e verduras formam montanhas de um luxuoso lixo, de destino incerto e não sabido. O mesmo ocorre com carnes, peixes e frutos do mar, que são descartados prematuramente, como resultado do mal acondicionamento na armazenagem e comercialização.

São, esses todos, flashes de um cenário de desperdício de alimentos que se reproduz Brasil afora, em toda a cadeia produtiva. Estão onde estiver o modelo agrícola em vigor no país, que prefere o caminho concentrador, em que tudo é enorme, tristemente gigantesco, inclusive as sobras ou perdas, no conceito da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o tema.

Embora este seja um problema sempre presente da história da Humanidade, o assunto é pouco estudado com profundidade. De todo jeito, dados da própria ONU revelam que em torno de 1/3 da produção global de alimentos é desperdiçado, variando de região pra região e de país pra país, com casos, como o brasileiro, que se destacam pela sua gravidade.

O organismo da ONU para Agricultura e Alimentação (FAO) coloca o Brasil entre os dez países que mais desperdiçam alimentos no mundo. E aponta alguns recordes alarmantes, como o de que cada cidadão brasileiro, morador das dez principais capitais, joga fora mais hortaliças comestíveis (37 kg/ano) do que ele próprio come (35 kg/ano).

Isto, com agravantes. Por exemplo, segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o aspecto econômico da questão, mais aparente, cada vez mais cede lugar aos impactos ecológicos e ambientais, de difícil mensuração, do ponto de vista monetário.

Começa pelo fato de que o total de terreno plantado cresce ano após ano, seguindo a expansão populacional e do mercado externo, o que significa novas áreas desmatadas, especialmente na Amazônia e no Cerrado.

Espécies da flora nativa, muitas delas ainda desconhecidas, dão lugar a monoculturas, em grande parte de grãos destinados ao mercado internacional. Isto, sem falar nos efeitos sobre os recursos hídricos, atingidos de

forma direta pelo próprio desmatamento e também pelo uso de agrotóxicos.

No entanto, as perdas e o desperdício de alimentos ocorrem na cadeia total, do plantio na lavoura ao prato servido nos domicílios ou restaurantes. Do total desperdiçado no país, 10% ocorrem durante a colheita; 50% no manuseio e transporte dos alimentos; 30% nas centrais de abastecimento; e os últimos 10% ficam entre os supermercados e consumidores.

A FAO estima que 28% dos alimentos que chegam ao final da cadeia em países latino-americanos são desperdiçados", informa documento da Embrapa que trata do assunto. E arremata:

"O Brasil, graças a esforços de pesquisa agropecuária e a programas sociais como o Bolsa Família, saiu do mapa da fome da FAO, no qual constam países com índice de insegurança alimentar grave acima de 5%. A insegurança alimentar grave foi reduzida de 7%, em 2004, para 3%, segundo pesquisa do IBGE realizada em 2013".

### DA SEMENTE À PANELA

A produção em larga escala de soja, milho e outros grãos mudou bastante de endereço no Brasil,

na última década. Primeiro, acabou de ocupar o Centro-Oeste e parte do Nordeste, passando em seguida ao Norte. Pelos estados de Tocantins e Pará, por um lado, e por Rondônia pelo outro, já chegando ao Acre.

Esse reposicionamento geográfico da produção tem uma série de implicações, mas a de maiores proporções se deu no setor de transportes, sem dúvida. Os rios amazônicos entraram em cena, com processos de carga e descarga, e longos percursos por rodovias ruins se tornaram fatores de aumento do desperdício dessa produção agrícola.

Trafegar por estradas como a BR-163 (Cuiabá-MT/Santarém-PA) é uma grande aventura. Especialmente nos trechos ainda de terra, no sul do Pará, que se tornaram intrafegáveis no atual período de mais chuvas, quando os caminhões ficam presos em atoleiros por semanas a fio e, quando andam, o intenso sacolejo espalha grãos pelo caminho.

No final de fevereiro e início de março, um trecho de terra de perto de 200 quilômetros até o município de Itaituba (PA) reteve perto de 5.000 caminhões carregados de soja. Eles saem do norte de Mato Grosso, rumo a Miritituba,



no rio Tapajós, onde há um moderno terminal portuário. Mesmo com a redução das chuvas, no entanto, o tráfego forma filas de até 50 km na buraqueira.

O mesmo ocorre em Rondônia, onde a BR-364, asfaltada desde o sul do país até Porto Velho, enfrenta problemas ao norte, até Rio Branco, capital do estado vizinho, o Acre. Esta rodovia serve ao escoamento de grãos produzidos naquelas duas unidades da federação e também ao noroeste do Mato Grosso, que por ela chegam ao rio Madeira.

Também ali, o regime de chuvas amazônicas mostra suas diversas fisionomias. Se, por um lado, a rede rodoviária fica severamente prejudicada nas águas, por outro, a estiagem registrada no final do ano passado reduziu a navegabilidade do rio Madeira. Isso forçou as barcaças a navegarem com 30% a menos de carga. São problemas que se refletem no manuseio do volume transportado, levando a desperdícios consideráveis.

Segundo o Ministério dos Transportes, 58% das cargas do país são transportadas pelo sistema rodoviário, o menos eficiente para longas distâncias. Conforme estudo de viabilidade econômica dos transportes de cargas, o modal rodoviário é o mais adequado para as distâncias inferiores a 300 km.

Para distâncias entre 300 e 500 quilômetros, o desejável é utilizar o meio ferroviário (responsável por 25% do movimento) e, para mais de 500 quilômetros, indica-se o fluvial (17%). No Brasil, no entanto, a situação é inversa. E mais grave ainda nas regiões Centro-Oeste e Norte, onde mais de 80% das rodovias federais ainda são de terra, segundo a Confederação Nacional de Transporte (CNT).

A Ferrovia Norte-Sul, que percorre trajeto semelhante ao da rodovia Belém-Brasília, de Belém (PA) a Anápolis (GO), já está con-

cluída na parte de trilhos, permitindo o tráfego de locomotivas e vagões. Mas ainda carece de terminais de carga apropriados, de modo que vem sendo subutilizada no escoamento de grãos do Norte de Goiás e Tocantins.

A deficiência da rede de armazenagem nessas regiões complica ainda mais a situação, pois apressa os deslocamentos da produção aos centros de consumo ou portos de exportação. Há ausência de políticas oficiais de incentivo à construção de armazéns e os que existem quase sempre padecem de problemas de operação ou não atendem às necessidades de suas microrregiões.

Isso, somado a falhas na operação das lavouras, citadas pela Embrapa como um fator de desperdício nessa fase da cadeia produtiva. É o caso da escolha do momento certo da colheita, de modo que os grãos não chegam a maturar direito ou apodrecem no transporte, fator apontado por centros de pesquisa (o IPEA, pra citar um) como causa de grandes perdas.

### ATACADÕES E VAREJO

Nos grandes mercados atacadistas de hortifrutigranjeiros do país inteiro são visíveis o desperdício e as perdas. O Ceagesp, de São Paulo, sempre citado como exemplo, desperdiça pelo menos 1% do total comercializado por dia, o que representa perto de 200 toneladas diárias.

Trata-se do maior centro comercial deste tipo na América Latina, mas em todas as cidades brasileiras de médio e grande porte há um deles, que reproduz as mesmas práticas. Em todos eles, um conceito é básico: produto que entrou ali não volta. Em dias muito chuvosos, por exemplo, em que as vendas caem, a quebra é maior.

É certo que em muitas centrais de abastecimento há políticas de doações das sobras a entidades

beneficentes, mas isso não chega a alterar as estatísticas gerais do mercado atacadista. E há casos de retrocesso. Na capital paulista, por exemplo, recentemente a prefeitura suspendeu os sopões que eram feitos com restos do Ceagesp e servidos a populações carentes, inclusive os moradores de rua.

É nesta fase do atacado que se dão alguns dos maiores exemplos de agressão à segurança alimentar, com destaque ao desperdício de frutas, que atinge a média nacional de 30%. O morango, de cultivo delicado, registra perdas de 39%.

Mas a campeã dentre todas é a banana, considerada alimento básico, que é cultivada em todo território canarinho e é também a mais consumida por toda a população, por razões culturais e por manter preços mais acessíveis. No entanto, em função de métodos antigos de colheita e deslocamentos, menos de 50% da produção chega à mesa dos consumidores.

Segundo a FAO, o nível mais elevado de desperdício de alimentos nas sociedades mais ricas resulta de uma combinação entre o comportamento do consumidor e a falta de comunicação ao longo da cadeia de abastecimento, como variações de preços. Portanto, ocorre na ponta final do fluxo de produção, nas feiras, nos sacolões e supermercados.

Assim, os consumidores não conseguem planejar suas compras de forma eficaz e compram em excesso ou exageram no cumprimento das datas de validade dos produtos. Isto, embora muitas redes varejistas façam campanhas de incentivo às compras seccionadas e até mesmo, ao embalar seus produtos, já induzam a um certo planejamento.

Além do mais, conforme estudos do Ministério da Agricultura, "com a expansão da sociedade de consumo, amplamente influenciada pelo estilo de vida norte-americano, o consumo se trans-



formou em uma compulsão e um vício, estimulados pelas forças do mercado, da moda e da propaganda”.

Ao mesmo tempo, muitas vezes os padrões estéticos e de qualidade levam o distribuidor a rejeitar grandes quantidades de alimentos perfeitamente comestíveis. Já este acusa o consumidor brasileiro de escolher demais, ou

vencimento são vendidos a preços mais baixos.

### SUSTENTABILIDADE

Como se trata de bens perecíveis, as perdas de alimentos podem ser consideradas como parte dos processos de produção agropecuária. Mas, a partir de um limite tolerável, passam a ser tratadas como desperdício, em que se caracteriza descaso das pessoas responsáveis, em cada uma das fases da cadeia alimentar.

O conceito de Segurança Alimentar foi adotado pela ONU em 1948, quando o mundo se recuperava da Segunda Grande Guerra, com a Europa arrasada e a fome sendo um dos mais graves pro-

blemas da Humanidade. A partir de 1993, com a Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, em Viena, na Áustria, a segurança alimentar passou a ser tratada como um dos direitos fundamentais da pessoa humana.

No Brasil, por algumas décadas, este foi tema de muitas das iniciativas populares e de governos. Inclui-se aí, por exemplo, o Movimento Contra a Carestia, que, ao combater os aumentos exagerados de preços, buscava assegurar um maior acesso da população aos alimentos básicos.

Contudo, foi só a partir de 2003 que a questão da comida em quantidade suficiente, com qualidade e regularidade passou à condição de política de Estado, com a implantação do Programa Fome Zero (PFZ).

Desde a sua implantação, o Fome Zero era composto por três dezenas de programas complementares, destinados a combater

as causas imediatas e subjacentes da fome e da insegurança alimentar. Eram ações implementadas pelo ou com o apoio do governo federal, voltadas a tirar o país do mapa mundial da fome, dentre as quais podemos citar o Bolsa Família, uma ajuda financeira às famílias de mais baixa renda.

Outros programas, como os de distribuição gratuita de vitaminas e suplementos alimentares, de construção de cisternas nos sertões nordestinos e de restaurantes populares também faziam parte do Fome Zero. O mesmo ocorria com iniciativas delegadas aos governos estaduais e municipais, mais diretamente ligados às populações carentes.

O programa cumpriu seu objetivo de retirar o Brasil do Mapa Mundial da Fome, instrumento da ONU de referência global. Mas, ainda assim, sempre esteve longe de combater o desperdício com maior eficácia.

Tampouco têm sido obtidos resultados de grande envergadura com programas voltados para o Desenvolvimento Sustentável, que assegurem a produção de alimentos com preservação do meio ambiente.

Na realidade, vem ocorrendo o contrário, com a implantação de monoculturas que desrespeitam as regras de manutenção de áreas de preservação ambiental e os limites de uso de agrotóxicos. A observância desses aspectos são princípios básicos da sustentabilidade.



**Jaime Scutchuk**  
Jornalista. Escritor

## TRABALHADORES DE TI DO DF PARAM ATIVIDADES NO SERPRO E NA DATAPREV



**SINDPD-DF**

Filiado à CUT e à FENADADOS

No dia 28/4, os trabalhadores de TI aderiram à greve geral convocada pelas centrais sindicais e apoiada pelo SINDPD-DF. Na opinião do diretor do sindicato, João Batista Barros, a greve geral vai ser um balizador para que o governo possa abrir espaço para as negociações. “O enfrentamento está sendo difícil. Temos que fazer o nosso papel de esclarecer o trabalhador e sinalizar os pontos críticos, pois se essas reformas forem aprovadas como estão será complicado reverter. A luta contra as reformas não tem partido. É uma luta legítima da sociedade”, analisou.

O diretor analisou que muitos trabalhadores não foram trabalhar, mas não aderiram ao piquete em frente ao Serpro e a Dataprev. Outros denunciaram ao sindicato que estavam sofrendo assédio e pressão para trabalhar e, amedrontados, permaneceram nas empresas.

Antônia Maria Pontes F. de Oliveira, diretora de Assuntos Jurídicos do SINDPD-DF, destacou que o conjunto de reformas encaminhados pelo governo tiram direitos trabalhistas históricos. “Fico decepcionada como o país chegou nesta situação. O trabalhador tem que parar, temos que mostrar nossa força, com garra e união, pois a hora é agora, não podemos esperar. Chega de tanta retirada dos nossos direitos. Estão rasgando a CLT, uma luta de muitos anos. Está todo mundo revoltado porque o nosso país está sendo destruído. Não podemos ficar do lado do patrão, temos que lutar para que os direitos não vão ralo abaixo. Esta Reforma da Previdência é realmente um absurdo. A hora é agora, parar, parar mesmo e mostrar que unidos somos fortes”, alertou.

Segundo Moisés Pereira, funcionário do Serpro há 32 anos, toda greve e mobilização são válidas. “O governo está desmontando a nossa empresa, estão assediando o trabalhador dizendo ‘dê graças à Deus ter o que tem porque podia estar demitido’. E o ônus irá cair também nas costas desses trabalhadores que não pararam nesta sexta. Imagina o Serpro hoje terceirizar áreas primordiais, como a de desenvolvimento que é o grande carro-chefe. Já vi muita coisa ruim nesta empresa, mas igual a situação atual, não”, criticou.

No ato em frente à Dataprev, o diretor de Relações Sindicais, Claudinei Pimentel, disse que muitos trabalhadores não foram trabalhar, mas também afirmou que a adesão poderia ter sido maior. “Infelizmente tem muito trabalhador que ainda não está acreditando que as reformas que estão sendo votadas no Congresso vão prejudicá-los, além das gerações futuras. A greve de hoje vem para alertar aqueles que ainda estão achando que nada está acontecendo. A Reforma Trabalhista vem com um nome bonito de ‘flexibilizar a legislação trabalhista, mas ela vem na verdade para rasgar a CLT’. O movimento não é partidário e nem político. É em defesa dos direitos da classe trabalhadora”, reforçou.

“As reformas estão avançando rapidamente e serão de grande prejuízo para os trabalhadores”, avalia Paulo Roberto Ramos Soares, diretor do sindicato e trabalhador da Dataprev.

“A condição das mulheres está ficando cada dia pior. Além de ganharmos salários menores, o aumento dos anos de contribuição serão de grande prejuízo para quem tem dupla jornada no trabalho e em casa”, indigna-se Elaine Cristina Lemes da Silva, diretora do SINDPD-DF e trabalhadora das particulares.

### A RESPOSTA DA SOCIEDADE

Segundo a CUT Brasília, o Distrito Federal teve a maior adesão da história e mais de 50 categorias participaram da maior greve já realizada na capital federal. Com a maior adesão de categorias profissionais em toda sua história de mobilização, os trabalhadores do DF conseguiram um marco histórico ao promover a maior greve da capital federal, construída a partir da unidade da classe trabalhadora e dos movimentos sociais.

A Greve Geral foi construída a partir da resistência contra a reforma trabalhista (PL 6787/2016), aprovada na Câmara Federal na noite de quarta (26) e encaminhada para apreciação no Senado; e em completa oposição à reforma da Previdência, que caminha a passos largos e promete ser votada ainda neste semestre. Ambas as medidas, beneficiam o capital financeiro, agrário e empresarial, e prejudica diretamente os trabalhadores e trabalhadoras.

# PROJETO TAMAR

35 anos de sucesso na conservação da vida marinha



Fotos: Projeto Tamar

Guilherme Richelieu & Maria Helena Schuster

Tivemos, nessas últimas semanas, a grande emoção de conhecer o Projeto Tamar, que celebra, em 2017, 35 anos de sucesso na preservação de tartarugas-marinhas, de tubarões e de outras espécies da vida marinha no litoral brasileiro.

O trabalho do Tamar começou com a proteção das tartarugas-marinhas. Com o tempo, porém, a equipe originária do projeto observou que uma das chaves para o sucesso de sua missão seria o apoio ao desenvolvimento das comunidades costeiras, oferecendo-lhes alternativas de ocupação e renda que não fosse a caça das tartarugas-

marinhas. Hoje, o envolvimento comunitário é um dos pilares que sustentam o projeto. Os antigos caçadores de tartarugas, antes conhecidos como "tartarugueiros", se transformaram em verdadeiros protetores da natureza.

Ao longo de décadas, as atividades do Projeto Tamar foram organizadas em três linhas de ação: 1) Conservação e Pesquisa; 2) Educação Ambiental; e, 3) Desenvolvimento Local Sustentável, onde a principal ferramenta é a criatividade na busca e aplicação de técnicas pioneiras de conservação e desenvolvimento comunitário,

adequadas às realidades de cada uma das regiões trabalhadas.

Essas atividades envolvem atualmente cerca de mil e duzentas pessoas, a maioria moradores das comunidades, essenciais para a proteção das tartarugas marinhas, pois melhoram as condições do seu habitat e diminuem a pressão humana sobre os ecossistemas e as espécies.

## SOBRE O PROJETO TAMAR

O nome Tamar surgiu da combinação das sílabas iniciais das palavras **t**artaruga **m**arinha, abreviação que se tornou neces-

sária, na prática, por conta do espaço restrito para as inscrições nos tubos de PVC utilizados na identificação da presença de tartarugas na praia, da Praia de Itapuã até a Praia do Forte, área central das ações de proteção da espécie.

Desde então, a expressão *Tamar* passou a designar o Programa Nacional de Conservação de Tartarugas Marinhas, executado por meio de uma cooperação entre o Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas – Centro Tamar, vinculado à Diretoria de Biodiversidade do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade-ICMBio, órgão do Ministério do Meio Ambiente, e a Fundação Pró-Tamar, instituição não-governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1988 e considerada de Utilidade Pública Federal desde 1996.

Criado em 1980, o Projeto Tamar-ICMBio é hoje reconhecido internacionalmente como uma das mais bem-sucedidas experiências de conservação marinha e serve de modelo para outros países, sobretudo porque envolve as comunidades costeiras diretamente em seu trabalho socioambiental.

## SOBRE AS TARTARUGAS-MARINHAS

Embora o Projeto Tamar cuide também da proteção de tubarões e outras espécies marinhas, seu principal foco de conservação continua sendo as tartarugas-marinhas. Mesmo contando hoje com uma população pequena, elas representam a resistência e a perpetuação da vida ao longo de mais de 100 milhões de anos.

Entretanto, é frágil o equilíbrio da espécie. De cada 1.000 filhotes, somente 1 ou 2 chegam à maturidade por causa da ação de predadores, entre eles, o ser humano. As tartarugas atingem a maturidade sexual entre 20 e 30 anos. As fêmeas voltam à mesma praia onde nasceram para fazer a desova. O sexo dos filhotes é determinado pela temperatura da areia onde os ovos são incubados. Praias com

areia mais quente geram mais fêmeas, enquanto as mais frias, mais machos.

Durante sua longa existência – elas chegam a viver 200 anos – cada tartaruga-marinha leva e traz toneladas de nutrientes e energia vital à sobrevivência de tantas outras formas de vida. Das tartarugas marinhas depende a existência de uma infinidade de peixes, crustáceos, moluscos, esponjas, medusas.

Para seguir sobrevivendo, entretanto, as tartarugas-marinhas dependem das formações de mangues, bancos de areia, de gramas marinhas e de algas, de corais e recifes, de ilhotas e formações geológicas. Portanto, proteger as tartarugas-marinhas significa proteger e preservar a vida marinha e o ecossistema onde ela se desenvolve. Com isso, estaremos garantindo, também, a sobrevivência do planeta e da humanidade.

## CENTRO DE VISITAÇÃO DO TAMAR NA PRAIA DO FORTE

Localizado na Praia do Forte, em Arembépe, a apenas 60 Km de Salvador, em uma área de 10 mil metros, com tanques e aquários, com mais de 600 mil litros de

água salgada, o Centro de Visitação do Tamar abriga um número expressivo de exemplares da fauna marinha da região.

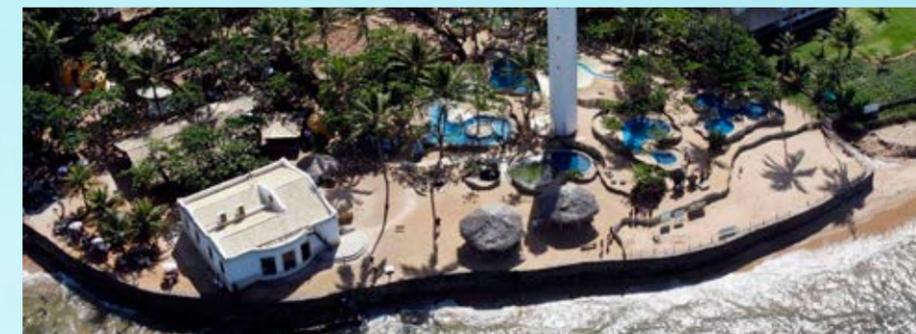
Quatro das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, em diferentes estágios do ciclo de vida, são encontradas no Centro de Visitação do Projeto Tamar.

Em nossa visita, tivemos o privilégio de conversar com Eduardo Saliés, biólogo e coordenador do Centro de Visitação, e, na Praia do Forte, com Frederico Tognin, também biólogo e coordenador técnico do projeto, e com o oceanógrafo Guy Marcovaldi, coordenador nacional do Projeto Tamar, e um de seus fundadores.

Depois dessa jornada, podemos dizer, sem sombra de dúvida, que conhecer o Projeto Tamar é uma experiência única, fantástica, maravilhosa. Em nossas mentes ficará sempre a inesquecível imagem da soltura para o mar dos filhotes de tartarugas-marinhas na praia de Arembépe. Vale muito a pena conhecer o Projeto Tamar!

**Guilherme Richelieu**  
Ambientalista.

**Maria Helena Schuster**  
Ambientalista.



## LDB x LEI 10.639, DE 2003. **E O RACISMO COM ISSO?**

Iêda Leal de Souza & Luis Cláudio de Oliveira

*“Mudaram os nomes às coisas para as coisas se esquecerem do que eram. Assim, desigualdade passou a chamar-se mérito; miséria, austeridade; hipocrisia, direitos humanos; guerra civil descontrolada, intervenção humanitária; guerra civil mitigada, democracia. A própria guerra passou a chamar-se paz para poder ser infinita.” - Boaventura Sousa Santos*

Revisitamos o texto da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei nº 9.394, de 1996), também conhecida popularmente como Lei Darcy Ribeiro.

Devido a este importante antropólogo, educador e político brasileiro, um dos seus principais formuladores, ter encaminhado um substitutivo pelo PDT, aprovado pelo Senado em fevereiro de 1996, [foi feito] o arquivamento do projeto original.

Sublinhamos que nos 92 artigos, que versam sobre os mais diversos temas da educação brasileira, desde o ensino infantil até o ensino superior, trata-se da mais importante lei brasileira a definir o papel social da educação.

Dentre as características mais proeminentes, estabelece a função do Governo Federal, estados e municípios na gestão da educação, assim como as funções e obrigações dos trabalhadores da educação (das equipes de gestão aos docentes etc.), determinando que todo cidadão brasileiro tem o

direito ao acesso gratuito ao ensino fundamental (9 anos de estudo), e apontando para que este direito seja, gradativamente, levado também ao ensino médio.

Descreve as obrigações das instituições de ensino (escolas, faculdades, universidades, etc.) e delimita a carga horária mínima para cada um dos níveis de ensino, apresentando as diretrizes curriculares básicas, detalhadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN.

Entretanto, sublinhamos igualmente uma de suas incompletudes. A Lei 10.639, de 2003, assim como a Lei nº 11.645, de 2008 (dedicada à mesma matéria alusiva aos indígenas), por terem sido criadas somente no atual século, evidenciam a invisibilidade, por décadas, dos setores da elite intelectual brasileira, em disputa pela formulação da LDB, na criação de mecanismos que favoreçam a educação da sociedade brasileira para a compreensão das relações étnico-raciais, visando a elimina-

ção do racismo, nas suas diferentes acepções. A reflexão proposta por Paulo Freire sobre o desenvolvimento da educação formal indica que esta, além de consistir em produto cultural e temporal das tradições de cada sociedade, é diretamente afetada pelas transformações que nela se processam e, por decorrência, pelas mudanças de mentalidade que as transformações acarretam.

Tendo em vista que as atuais diretrizes, seguidas nos sistemas educacionais conjugam uma multiplicidade de circunstâncias histórico-políticas que as embasam, refletir sobre as expectativas geradas pela Lei nº 10.639, de 2003 sugere uma visita aos caminhos que nos trouxeram até a LDB e, a posteriori, ponderando significados ao olhar, ou ao “não olhar” a população negra das elites dirigentes.

No texto da Constituição de 1891, não se nota qualquer referência ou anotação sobre a criação de um sistema educacional no País. Ao longo do texto constitucional, observamos que este não era um ponto importante para aqueles que dirigiam a nação brasileira.

Não era prioridade garantir educação para os filhos da classe trabalhadora. Escola (educação formal) era para os ricos e poderosos; para a população pobre e em grande parte descendente direta de escravizados, o Estado republicano visava apenas o trabalho, a fim de assegurar a travessia segura para o capitalismo industrial, a despeito das proposituras do movimento abolicionista.

Como indica o historiador Robert Conrad, abolicionistas radicais, como Nabuco, André Rebouças, José do Patrocínio, Antonio Bento, Rui Barbosa, Senador Dantas e outros esperavam que a extensão da educação a todas as classes, a participação política em massa e uma ampliação de oportunidades econômicas para milhões de negros e

mulatos e outros setores menos privilegiados da sociedade brasileira viessem a permitir que estes grupos assumissem um lugar de igualdade numa nação mais homogênea e próspera.

No entanto, a instalação do novo regime, em que pesem as narrativas que se referem a um novo tempo, não visava democratizar a sociedade ou abrir janelas para a mobilidade social, especialmente dos ex-escravizados e seus descendentes.

As oligarquias que fundaram a República brasileira assim o fizeram para manter intocada uma estrutura social elitista, excludente e racista. Não é por acaso que nesse texto constitucional, que teve uma duração de 43 anos, cobrindo todo o período pós-abolição, para as elites que o outorgaram não se justificava que a educação fosse objeto de legislação.

Apesar da nenhuma importância atribuída à educação das classes populares, em 1932, o grupo de intelectuais composto, destacadamente, por Fernando de Azevedo e outras figuras respeitáveis da pedagogia brasileira, como Lourenço Filho (1897-1970) e Anísio Teixeira (1900-1971), passaria às páginas da história como criadores do movimento pela Escola Nova no Brasil.

Influenciados pelas ideias de John Dewey, nos Estados Unidos, e de Émile Durkheim, da escola francesa de sociologia, que defendiam a educação como necessidade social, fundamentariam a tese de que o Estado precisava assumir uma política educacional independente da igreja, que objetivasse um plano geral de educação e definisse a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita.

**Iêda Leal de Souza**  
Educadora.

**Luis Cláudio de Oliveira**  
Educador.



Foto: Eduardo Henrique

## O GUAXINIM NA CAATINGA

Eduardo Henrique

O guaxinim (*Procyon cancrivorus*) também é conhecido como mão-pelada, guará, cachorro-do-mato-guaxinim ou cachorrinho-guaxinim. Com distribuição geográfica ampla na América do Sul e Central, desde o Uruguai até o Panamá, ocorre em todos os biomas do Brasil.

Os guaxinins têm hábitos noturnos. Durante o dia permanecem escondidos em ocos de árvores e locais de vegetação muito densa. Por isso nem sempre são vistos.

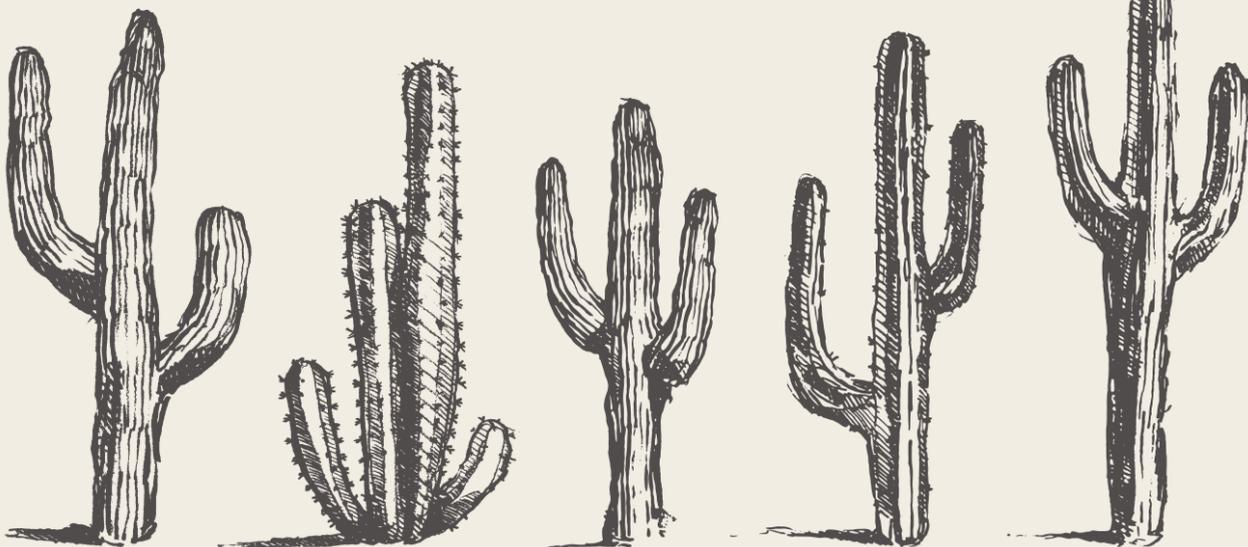
Esses animais habitam locais próximos às fontes de água, como rios, riachos, córregos e lagoas, onde

se alimentam de frutos, insetos, anfíbios e outros pequenos animais. Nas regiões mais secas da Caatinga, as fontes hídricas são limitadas e as chuvas não ocorrem na maior parte do ano, fazendo com que os guaxinins dependam das raras fontes de água e das matas ciliares, cada vez mais ameaçadas pelas perturbações antrópicas e adversidades climáticas.

A relação do guaxinim com o ser humano não é tão conflituosa devido, além de seu hábito noturno, à sua incrível habilidade de encontrar os melhores esconderijos, deixando

apenas pegadas que são vistas no dia seguinte. Contudo, há relatos de perseguições contra esta espécie em locais onde se cultivava melancia, porque os guaxinins costumam perfurá-las para se alimentarem.

No Sertão de Pernambuco, o guaxinim é chamado de guará. De forma geral, no Brasil, diversas pesquisas indicam que esta espécie não se encontra em risco de extinção. E as principais ameaças relatadas são os atropelamentos nas rodovias, doenças transmitidas por animais domésticos e destruição do ambiente natural.



**Eduardo Henrique**  
Técnico em Agropecuária.  
Estudante de Agronomia.  
Fotógrafo da Natureza.

## COMO NOSSOS PAIS

Não quero lhe falar  
Meu grande amor  
Das coisas que aprendi  
Nos discos  
Quero lhe contar como eu vivi  
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar  
Eu sei que o amor  
É uma coisa boa  
Mas também sei  
Que qualquer canto  
É menor do que a vida  
De qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem  
Há perigo na esquina  
Eles venceram e o sinal  
Está fechado pra nós  
Que somos jovens

Para abraçar meu irmão  
E beijar minha menina na rua  
É que se fez o meu lábio  
O meu braço e a minha voz

Você me pergunta  
Pela minha paixão  
Digo que estou encantado  
Como uma nova invenção  
Vou ficar nesta cidade  
Não vou voltar pro sertão  
Pois vejo vir vindo no vento  
O cheiro da nova estação  
E eu sinto tudo na ferida viva  
Do meu coração

Já faz tempo  
E eu vi você na rua  
Cabelo ao vento  
Gente jovem reunida  
Na parede da memória  
Esta lembrança  
É o quadro que dói mais

Minha dor é perceber  
Que apesar de termos  
Feito tudo, tudo, tudo

Tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Ainda somos os mesmos  
E vivemos  
Como os nossos pais

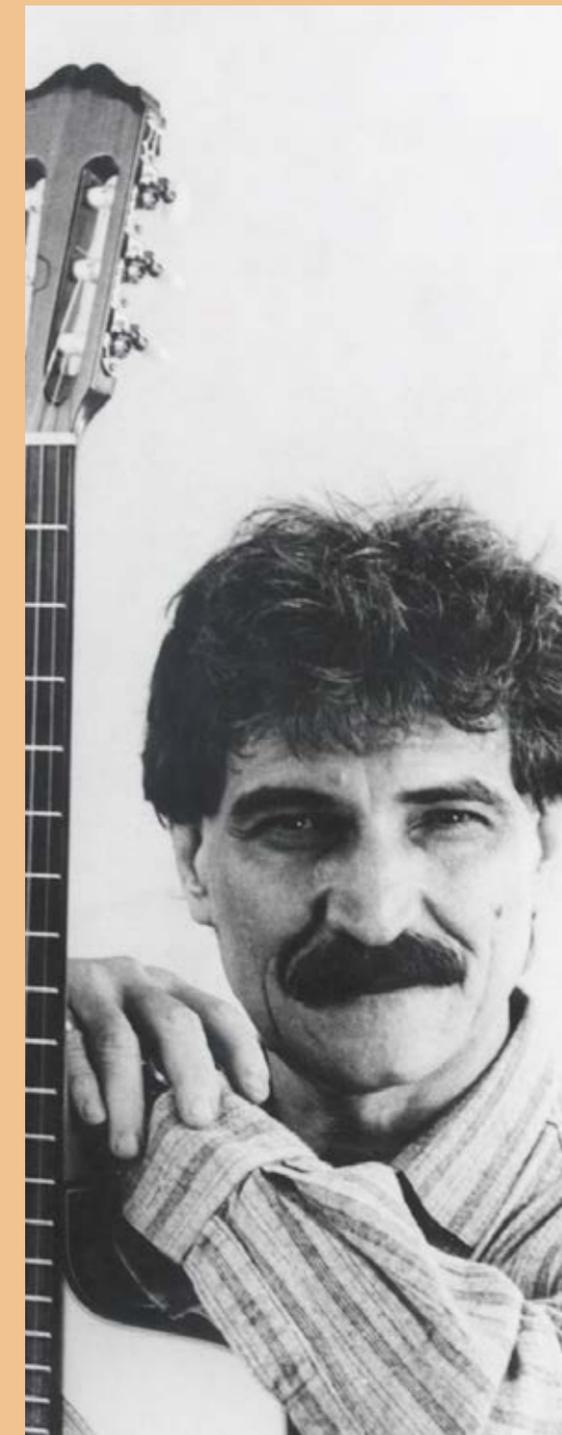
Nossos ídolos  
Ainda são os mesmos  
E as aparências, as aparências  
Não enganam, não  
Você diz que depois deles  
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer  
Que eu estou por fora  
Ou então  
Que eu estou inventando

Mas é você  
Que ama o passado  
E que não vê  
É você  
Que ama o passado  
E que não vê  
Que o novo sempre vem

E hoje eu sei, eu sei  
Que quem me deu a ideia  
De uma nova consciência  
E juventude  
Está em casa  
Guardado por Deus  
Contando os seus metais

Minha dor é perceber  
Que apesar de termos  
Feito tudo, tudo, tudo  
Tudo o que fizemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Ainda somos  
Os mesmos e vivemos  
Como os nossos pais



**Antonio Carlos Belchior** - Cantor e compositor, um dos maiores compositores da língua portuguesa, nasceu em Sobral, Ceará, em 26 de outubro de 1946, partiu dos espaços deste mundo em Santa Cruz, Rio Grande do Sul, em 30 de abril de 2017. Nossa homenagem e nossa saudade!

# CHACINA DE COLNIZA: A QUEM IMPORTAM OS ASSASSINATOS NO CAMPO?

Regina Sousa



Tiros, terror, massacre. Novamente capangas armados torturam, matam, degolam para desocupar áreas de grandes latifúndios. E, mais uma vez, o Estado brasileiro, que deveria ser o guardião da cidadania, é omissivo frente a um conflito que ceifa vidas em todo o Brasil.

A terra como centro do conflito. A vida que não vale mais nada. No fim da manhã do último dia 20 de abril, nove pessoas foram brutalmente assassinadas.

Conforme dados divulgados pela Comissão Pastoral da Terra em seu relatório anual, 61 pessoas foram assassinadas no ano passado, o maior número já registrado desde 2003, uma média de cinco assassinatos por mês.

Os perfis das vítimas são conhecidos: indígenas, quilombolas, mulheres, jovens entre 15 e 29 anos, e adolescentes. Só em 2017, já foram registrados 20 assassinatos em conflitos no campo.

E a violência não se resume a assassinatos. Ela é precedida de ameaças verbais, agressões físicas, tortura psicológica, carros que passam vigiando as casas das pessoas, entre outras maldades.

Parece que o latifúndio resolveu ter o seu abril vermelho. Vermelho com o sangue dos que lutam pela terra. O método do amedrontamento voltou a funcionar. A Gleba onde ocorreu o massacre do dia 20 de abril sofre assassinatos e agressões há mais de 10 anos.

Há dois anos as investigações da Polícia Civil indicaram que os gerentes das fazendas na região formaram e comandam uma rede de capangas altamente armados, para aterrorizar as famílias com o objetivo de expulsá-las da área.

O golpe contra a presidenta Dilma e a elevação dos ruralistas ao poder é a sinalização de quem manda no campo hoje. Uma sinalização cujos resultados não se fizeram esperar. E quem se importa? Parece que a violência virou rotina. A mídia está em silêncio.

Mas eu me importo. Me importo não só como presidenta da Comissão de Direitos Humanos do Senado, mas como pessoa que veio do

campo. Sei da importância de se ter um pedaço de terra para plantar e para colher.

A Comissão de Direitos Humanos do Senado certamente fará diligência ao local para cobrar das autoridades agilidade na punição dos mandantes e dos assassinos. Continuar com essa condescendência com a violência dos latifundiários só levará a mais números recordes de assassinatos, e isso não permitiremos!

Pergunto novamente: a quem importam mais nove mortes no campo? A quem importa um fato que de tanto se repetir já se tornou cotidiano? Eu me importo!

Vim do campo, fui trabalhadora rural. Tenho em mim as felicidades e as dores que vivi a cada dia de luta pela sobrevivência. Minha família trabalhou em terras que não lhe pertenciam, e o que nos restava era o mínimo para permanecermos vivos.

Eu sei, com a experiência da minha vida, a importância que tem para as pessoas do campo terem um lugar para plantar, colher e viver. Viver com dignidade depende disso. E o direito de lutar por isso é sagrado!

## SOBRE A CHACINA DE COLNIZA

No dia 19 de abril, um grupo de homens encapuzados invadiram os barracos de uma comunidade rural em Taquaruçu do Norte, localizada a mais de 350 km da zona urbana de Colniza, município a 1.065 km de Cuiabá, onde moram cerca de cerca de 100 famílias. Durante o ataque, nove trabalhadores rurais foram brutal e violentamente assassinados. Embora se tenha informação de que três delegados e mais de 10 investigadores, além de peritos e policiais militares, atuam para identificar os autores do crime, nem os pistoleiros, nem mandantes do crime foram presos até o momento.



**Regina Sousa** - Senadora pelo PT do Piauí. Presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado.



# O ANDANTE GERAISEIRO

Altair Sales Barbosa

Seu Nhandu era um senhor esguio, pernas compridas e tez morena clara. Ninguém sabia ao certo sua moradia. Era um andarilho dos gerais. Nada se ouvia de sua boca a não ser, vez em quando, um lapso de humm... humm...!

Percorria época sim, época não, as feiras animadas, que existiam nos pequenos povoados daqueles sertões de dentro. Sempre carregava um velho e surrado alforje, no qual colocava alguns presentes que ganhava dos feirantes: farinha, rapadura, sal, arroz e até beijuzinho de tapioca. Às costas trazia um saco de estopa com alguma coisa volumosa, leve e disforme, que despertava em todos cer-

ta curiosidade. Não fazia mal a ninguém.

Sempre tranquilo, andava com olhar aguçado reparando tudo que via; às vezes se admirava com uma ou outra coisa e, com muita atenção e sinal de respeito, ouvia a cantiga dos cantadores. Seu semblante só mudava quando presenciava o som de uma rabeca.

Ficava parado ao lado das rodas de pessoas que conversavam e trocavam opiniões sobre assuntos variados. Parecia se inteirar dos noticiários. Mas nunca dizia nada, nem pedia as coisas, o agrado vinha de graça, porque todos gostavam dele. Agradecia com gesto singular e por isso todos pensavam tratar-se de um ser que não pos-

suía a propriedade da voz. Nunca pronunciou uma só palavra.

Quando a feira ia chegando nos finalmentes, ele tomava um rumo qualquer e partia, ficava às vezes até três meses sem voltar naquele local. No outro fim de semana, lá estava ele na feira de outro povoado, carregando o mesmo tipo de comportamento. No final, sumia novamente. Ninguém sabe para onde ia.

Curioso é que, em todos os lugares que aparecia, era conhecido pelo codinome de "Seu Nhandu", certamente apelidado pelos feirantes. A alcunha de Nhandu deveria ser pelo porte esguio, semelhante ao da ema, ave conhecida pelos geraiseiros por este nome.

Certa ocasião, Seu Nhandu desapareceu por muito tempo das feiras, cerca de três anos, mais ou menos. Todos sentiram sua ausência. E não faltaram comentários sobre o paradeiro. Uns perguntavam "será que ainda é vivente?"; outros atreviam a dizer que onça o comera. E, assim, por esses caminhos situados entre adivinhação e lamentação, o povo das feiras desenhava o destino de Seu Nhandu.

Um belo dia, era sábado, não faz tanto tempo assim, quando as chuvas de outubro ainda não haviam dado o ar da graça e os riachos já estavam secos e o povo, meio atônito, se agonizava na feira de Santo Antônio das Águas Puras para se remediar do pouco que encontrava, ele reapareceu.

Naquele momento, uma figura esguia, maltrapilha como sempre e com um saco de estopa às costas, aponta na ladeira do areão. O povo, meio que surpreso e estupefato, não teve dúvida: - É o Seu Nhandu. E à medida que se aproximava da feira, todo aquele povo, num gesto simbólico, parecia reverenciá-lo.

Seu Nhandu, como sempre, chegou sereno, mas dessa vez estava sem os alforjes e dizem que alguém o notou angustiado. Foi então que ele, num gesto educado e calmo, pegou um banquinho de madeira e dirigindo-se ao centro da feira, assim se expressou: "Hoje tenho uma história para lhes contar".

Um misto de comoção e surpresa tomou conta do povaréu, pois todos achavam que ele era mudo.

Foi então que ele se pôs a falar:

- Povo de Santo Antônio, meus irmãos, fiquei muito tempo longe de vocês, senti a falta de cada um como se sente a falta de um ente querido. Senti também tamanha saudade, que às vezes meus olhos não suportavam a quantidade de águas, e eu chorava. Meu nome é Antônio e não Nhandu como vocês carinhosamente me chamam. Nas feiras dos povoados por onde andei, percebi no ar uma grande

curiosidade sobre o conteúdo que eu carregava no saco de estopa. Hoje vou revelar a vocês. São sementes de tingui, conhecidas em outras localidades como timbó, hoje as deixo para vocês.

Nesses quase três anos de ausência, pude percorrer vários cantos desse imenso gerai. Presenciei coisas estarrecedoras.

Quando eu era mais jovem, gostava de ficar muito tempo à beira dos rios para ver a piracema da manjuba. Ficava dias. E me perguntava de onde vinha tanto peixe. Na espreita ao lado, vibrava quando surubins e dourados, esganados como sempre, se atiravam sobre o cardume. Gostava de visitar as aguadas, as lagoas que se formavam ao longo dos rios, recheadas de peixes. E, também, descansar de barriga para cima à sombra de um pequizeiro onde inutilmente tentava contar o número dos bandos das aves de arribação. O sabor gelatinoso dos puçás e o agridoce vinho do buriti criavam a sensação de que eu estaria entrando no sétimo céu de Alá, descrito pelo profeta no livro do Alcorão.

Quase entrava em delírio quando algum morador desses muitos ranchos de buritis dos gerais me oferecia um copo de lata recheado com café de fedegoso adoçado com rapadura.

Pois sim, meus irmãos! Nesses três anos em que me ausentei de vocês, saí quase que como numa missão para rever esses locais. O resultado dessas visitas veio como um saco de desilusão, tal qual o que carreguei a vida toda, recheado de timbó e tingui.

Nada das minhas lembranças existe mais, as águas, as piracemas, as lagoas, os pequizeiros, os ranchos de buritis, todos queimados. Aliás, no último pelo qual passei ainda se ouvia o estalar das brasas.

Pensei, meu Deus, o que terá acontecido?

Foi aí que recordei das profecias do velho João-Cego, que morava lá pras bandas do Tabuleiro

da Conceição e sempre gostava de repetir: "Vocês mais jovens tomem cuidado, porque chegará um dia em que gente estranha vai chegar neste lugar dizendo para todos bem assim:

"Quero terra".

"Quero água".

E, para conseguir esses bens, usarão de meios escusos, perigosos e enganadores, que eles escondem atrás de uma botija como se esta fosse do bem. Uma vez instalados, roubarão tudo que é seu, tudo que você ama e construiu, roubarão a vida de vocês que, no fundo, se confunde com a vida dos rios e dos gerais.

Eu vim aqui hoje até vocês, para lhes suplicar duas coisas: Espalhem essas notícias e nunca deixem que os forasteiros ou seus mandantes lhes roubem a alma e tirem de vocês a capacidade de sonhar.

Dizendo assim, com uma voz forte e sonora, pronunciou a frase latina: *"Quod habeo tibi do"*.

Depois, mansamente desceu do banco, colocou-o no local onde o pegou e seguiu mundo afora no rumo do areão.

O povo, atônito, não sabia o que fazer, nem o que dizer, um silêncio fundo tomou conta do lugar. Ninguém deu um pio. Quando todos acordaram de seu estado quase letárgico e procuraram pelo senhor Antônio, ou Seu Nhandu, este já havia sumido.

Só se avistou no centro da feira um monte de sementes secas de Tingui.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia.  
Pesquisador do CNPQ



## **GALERIA PREGUIÇA:** A ARTE A SERVIÇO DA NATUREZA CERRATENSE

Zezé Weiss

São Jorge é um pequeno povoado de pouco mais de mil almas, encravado justo no portão de entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Localizado a pouco mais de 20 km da cidadezinha-sede do município de Alto Paraíso de Goiás, a "vila" de São Jorge tem poucas ruas, muitas pousadas, e uma vida cultural bastante intensa, plena de artes e artistas locais.

É em São Jorge que o artista plástico Marcos Brasil e sua parceira Cris Maia tocam sua aconchegante e acolhedora Galeria Preguiça, totalmente voltada para a promoção da exuberante complexidade da natureza e da vida no Cerrado. É lá, na Galeria Preguiça, bem no meio da rua principal da pequena vila de São Jorge, que a arte Cerratense de Cris e Marcos se mostra em alegre esplendor.

Artistas famosos, com trabalhos espalhados pelo mundo inteiro, Cris e Marcos fazem da Galeria Preguiça, que também chamam de Ateliê Preguiça, sua base para encantar locais e turistas com seus quadros vibrantes, quase sempre retratando os animais, as plantas, as paisagens, a natureza Cerratense. Mas há também belas peças com pinturas de São Jorge, o santo padroeiro do vilarejo, de São Francisco, de Frida Khalo.

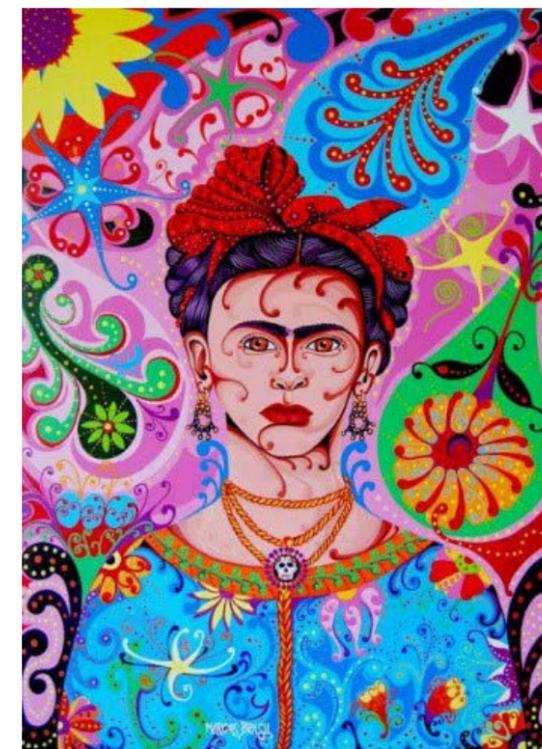
Reproduzidas em quadros, cartões, capas de caderno, canecas, imãs de geladeira, as artes de Marcos Brasil e Cris Maia correm o mundo. Mas, exceto por uma segunda loja coordenada por Cris em Alto Paraíso e vendas eventuais via internet, para sair da Chapada, as artes da Galeria Preguiça em geral dependem do trânsito de turistas por São Jorge.

Agora, em uma parceria única estabelecida entre a Galeria Preguiça e a revista Xapuri, uma parte das lindas artes da Galeria Preguiça estão, também, disponíveis na loja da Xapuri ([www.xapuri.info/loja](http://www.xapuri.info/loja)).



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental

@zezeweiss



Fotos: Galeria Preguiça



# BISNAU:

um mundo de mistérios  
entre cachoeiras e sítio arqueológico

Eduardo Pereira

Para quem segue pela BR-020, rumo Bahia, pouco depois do povoado do Bezerra, ainda no município de Formosa, Goiás, passando por várias pamonharias, conhecidas como "pamonharias do Bisnau", logo um mata-burro tosco aparece, abrindo a picada para as cachoeiras e para o Sítio Arqueológico do Bisnau.

Passado o mata-burro, placas indicam o caminho, entrecortado por antigos pés de manga. Para a cachoeira, deve-se seguir à direita; e, para o Sítio Arqueológico, marcado por um "matagal" de tinguizeiros, árvore típica do Cerrado, o rumo é à esquerda. A distância entre os dois atrativos é pequena e é possível visitar tanto a cachoeira quanto o Sítio

Arqueológico em um mesmo dia.

São cerca de 120 km para se chegar ao Bisnau, a partir de Brasília. Basta seguir pela BR-020 – em estrada duplicada por 80 km até Formosa – e continuar na BR-020 até passar pelo povoado Bezerra. Daí, é só seguir uns dez quilômetros adiante e, ao chegar às pamonharias, observar as placas. Não tem erro!

## CACHOEIRA DO BISNAU – 100 metros de queda

Também conhecida como a Cachoeira da Capetinga, por estar localizada na Fazenda Capetinga, a Cachoeira do Bisnau tem cerca de 100 metros de altura e é, na verdade,



formada por seis pequenas cachoeiras, ou quedas d'água, que vão se juntando até formar os dois poços próprios para banho que precedem a grande cachoeira.

Embora não exista nenhuma infraestrutura turística no local, o proprietário permite visitas, banhos, caminhada nas trilhas e até mesmo a prática de rapel no paredão de 130 metros formado pelo desnível da cachoeira, mediante o pagamento adiantado de uma taxa de 15 reais.

Segundo o senhor Alberto, a família está preparando um grande complexo turístico para o local, que inclui trilhas ecológicas nas áreas de mata nativa que se estendem por toda a região.

## SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO BISNAU



Localizado na Fazenda Taquari, um pouco depois da bifurcação que leva à Cachoeira do Bisnau, o Sítio Arqueológico do Bisnau é formado por um espaço natural de cerca de 2.600 m<sup>2</sup> com petroglifos de datação estimada entre 4,5 e 11 mil anos.

O Bisnau, como é conhecido na região, causa fascínio entre estudantes, cientistas e pessoas curiosas sobre o significado das inscrições, cujas interpretações variam desde orientações astronômicas até sinais de possíveis contatos com extraterrestres.

Do ponto de vista geológico, o Sítio Arqueológico do Bisnau são várias figuras em baixo-relevo concentradas em uma única grande pedra. Infelizmente, as figuras estão completamente expostas à intempérie e já foram "maculadas" por pessoas, havendo marcas de giz ou pedras coloridas nas reentrâncias.

Não há nenhum tipo de vigilância no local. A preservação fica a cargo da consciência de cada visitante.



**Eduardo Pereira**  
Produtor Cultural  
@weiss\_guru

# FURRUNDU:

## o doce pantaneiro

Lúcia Resende

Quem vai lá pelas bandas do oeste brasileiro, se embrenha pelo Pantanal mato-grossense, logo vai experimentar essa delícia típica da região.

Seja no café quebra-torto, logo cedinho, seja na sobremesa ou merenda, lá está ele: o furrundu ou furrudum. Simples, fácil de fazer e inesquecível.

Fora da região, já não é raro encontrar também o furrundu, por exemplo aqui em Formosa, Goiás, terra da Xapuri.



Pois vamos à receita!

### INGREDIENTES

3 mamões (médios) verdes  
2 rapaduras  
Gengibre, cravo e/ou canela a gosto

### MODO DE FAZER

Primeiro, descasque e rale os mamões (eu gosto de ralar no ralo grosso). Depois, em um escorredor ou peneira, lave bem e escorra. Num tacho de cobre (ou panela), coloque a rapadura cortada em pedaços, o mamão, e leve ao fogo. Coloque canela, cravo e um pouquinho de gengibre (conforme o gosto) e vá apurando, até que apareça o fundo do tacho. Daí, deixe esfriar, leve à geladeira e sirva!



**Lúcia Resende**  
Professora  
@mluciores

# REFORMA TRABALHISTA: PRINCIPAIS PERDAS PARA O TRABALHADOR

A Reforma Trabalhista foi aprovada pela Câmara dos Deputados na madrugada de 26 de abril de 2017. Embora esteja ainda sujeita à votação no Senado, a seguir registramos as principais perdas para o trabalhador com essa reforma aprovada contra a vontade do povo brasileiro.



## 1. TERCEIRIZAÇÃO DA ATIVIDADE FIM

Art. 4º-A. Considera-se a prestação de serviços a terceiros a transferência feita pela contratante da execução de qualquer de suas atividades, inclusive sua atividade principal, à pessoa jurídica de direito privado prestadora de serviços que possua capacidade econômica compatível com a sua execução.

## 2. PARCELAMENTO DAS FÉRIAS EM TRÊS PERÍODOS

§ 1º - Desde que haja concordância do empregado, as férias poderão ser usufruídas em até três períodos, sendo que um deles não poderá ser inferior a quatorze dias corridos e os demais não poderão ser inferiores a cinco dias corridos.

## 3. PREVALÊNCIA DE ACORDO ENTRE PATRÃO E EMPREGADO SOBRE A LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

Art. 611-A. A convenção coletiva e o acordo coletivo de trabalho têm prevalência sobre a lei (...).

## 4. MUDANÇA NO CONCEITO DE GRUPO ECONÔMICO

§ 3º -- Não caracteriza grupo econômico a mera identidade de sócios, sendo necessárias, para a configuração do grupo, a demonstração do interesse integrado, a efetiva comunhão de interesses e a atuação conjunta das empresas dele integrantes.

## 5. REGULAMENTA A JORNADA FORA DO ESCRITÓRIO POR TAREFA E NÃO POR JORNADA

Art. 75-C. A prestação de serviços na modalidade de teletrabalho deverá constar expressamente do contrato individual de trabalho, que especificará as atividades que serão realizadas pelo empregado.

## 6. ACABA COM O PRINCÍPIO DE EQUIPARAÇÃO SALARIAL PARA AS MESMAS FUNÇÕES

§ 1º - Trabalho de igual valor, (...), será o que for feito com igual produtividade e com a mesma perfeição técnica, entre pessoas cujas diferença de tempo de serviço para o mesmo empregador não seja superior a quatro anos e a diferença de tempo na função não seja superior a dois anos.

§ 2º - Os dispositivos deste artigo não prevalecerão quando o empregador tiver pessoal organizado em quadro de carreira ou adotar, por meio de norma interna da empresa ou de negociação coletiva ou registro em órgão público.

§ 5º - A equiparação salarial só será possível entre empregados contemporâneos no cargo ou na função, ficando vedada a indicação de

paradigmas remotos, ainda que o paradigma contemporâneo tenha obtido a vantagem em ação judicial própria.

## 7. IMPEDE A JUSTIÇA DO TRABALHO DE ANULAR ACORDOS QUE DESRESPEITEM A CLT

§ 3º - No exame da convenção coletiva ou acordo coletivo de trabalho, a Justiça do Trabalho analisará exclusivamente a conformidade dos elementos essenciais do negócio jurídico, respeitado o disposto no art. 104 da Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e balizará sua atuação pelo princípio da intervenção mínima na autonomia da vontade coletiva.

## 8. RESTRINGE O ACESSO À JUSTIÇA GRATUITA PARA AÇÕES TRABALHISTAS

Art. 790-B. A responsabilidade pelo pagamento dos honorários periciais é da parte sucumbente na pretensão objeto da perícia, ainda que beneficiária da justiça gratuita.

## 9. VALE REFEIÇÃO E OUTROS BENEFÍCIOS DEIXAM DE CONTAR COMO ENCARGOS TRABALHISTAS E PREVIDENCIÁRIOS

§ 2º - As importâncias, ainda que habituais, pagas a título de ajuda de custo, auxílio alimentação, vedado o seu pagamento em dinheiro, diárias para viagem, prêmios e abonos não integram a remuneração do empregado, não se incorporam ao contrato de trabalho e não constituem base de incidência de qualquer encargo trabalhista e previdenciário.

## 10. EMPREGADO DEVE APRESENTAR VALOR EXATO PRETENDIDO EM RECLAMAÇÕES TRABALHISTAS NA JUSTIÇA

Art. 840. (...)

§ 1º - Sendo escrita, a reclamação deverá conter a designação do juízo, a qualificação das partes, a breve exposição dos fatos de que resulta o dissídio, o pedido, que deverá ser certo, determinado e com indicação de seu valor, a data e a assinatura do reclamante ou de seu representante.

## RELATÓRIO SOBRE ESCRAVIDÃO NEGRA NO DF E ENTORNO REVELA DIFÍCIL SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DO KILOMBO MESQUITA

Zezé Weiss



A 11 de maio deste ano de 2017, a Comissão da Verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno, do Sindicato dos Bancários de Brasília (CVN/SBB) apresentou, em Brasília, o seu Relatório Final com o diagnóstico e as recomendações sobre a escravidão negra na região do Distrito Federal e Entorno.

Embora tenha levantado um amplo leque de problemas enfrentados pelas comunidades remanescentes de quilombos, incluindo dados relevantes sobre a saúde, a educação e a situação financeira, o problema de maior gravidade encontrado foi a situação fundiária, uma vez que as comunidades se dedicam à agricultura familiar e ao extrativismo.

O Relatório mostra que, mesmo sendo o acesso à terra constituição fundamental de subsistência para as populações quilombolas da região, para a maioria delas, a ques-

tão fundiária não está resolvida, e isso compromete, cada vez mais, as fontes de sustento das famílias, a preservação do bioma Cerrado e dos recursos naturais essenciais ao cultivo sustentável do planeta Terra.

A seguir reproduzimos um trecho do Relatório onde é relatada a situação fundiária do Kilombo Mesquita.

### A SITUAÇÃO DO KILOMBO MESQUITA

“No Kilombo Mesquita, situado no município de Cidade Ocidental, em Goiás, a situação não é diferente. Suas terras foram invadidas, retalhadas, compradas ou tomadas por especuladores e grileiros.

Em vista das precárias condições de vida dos quilombolas, houve casos de pessoas que precisaram se desfazer de sua propriedade por um preço irrisório para comprar medicamentos; outras para casarem

suas filhas; para garantir o velório de algum parente; ou, ainda, venderam uma parte e o comprador aposentou-se da outra.

As pessoas (físicas ou jurídicas) que adquiriram essas terras ocupam hoje o lugar de oposição ao quilombo, na medida em que o reconhecimento da área como terra quilombola inviabiliza seu projeto de exploração fundiária.

Pessoas com posse de propriedade dentro do Território Mesquita são pessoas físicas e jurídicas influentes. Dentre essas, podemos mencionar Marcos Pereira Lombardi, dono do Jornal de Brasília; Fábio Correia de Oliveira, prefeito de Cidade Ocidental/GO; a empresa Divitex; o militar Manuel Junqueira; e o ex-presidente do Brasil, José Sarney de Araújo Costa.

O ex-presidente chegou à região, ganhou a confiança dos quilombolas

por meio de uma política de boa vizinhança, dando até pouso de folia em sua casa. Inclusive, sua fotografia pode ser ainda encontrada nas casas dos moradores de Mesquita.

Atualmente, sua presença na região dá-se por meio da fazenda São José do Pericumã e da Divitex Pericumã Empreendimentos Imobiliários S.A. José Sarney é adversário do Kilombo e utiliza de expediente jurídico para isso, como o caso da ação contra a Resolução n.01/2017 do In-cra, resolução essa que indeferiu recursos divergentes do processo de regularização do Kilombo, deferindo apenas a permanência do bairro, Jardim Edite.

O ex-presidente também desconsidera o Decreto 4.887/2003 que regulamenta o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Por exemplo, no que se refere ao trecho a seguir: Art. 1º § 3º – Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental.

Um dos argumentos do fazendeiro utilizados contra a Resolução n.01/2017 é que ‘sua’ propriedade é de alta produtividade, o que significa produção de soja e milho.

Mas essa terra ‘de alta produtividade’ é mais importante ainda aos quilombolas, por se tratar de um direito garantido por lei, por ser necessária à sobrevivência e à proteção das famílias Mesquita.

Os quilombolas inclusive denunciavam que a soja plantada na área compromete a vazão de água no lençol freático, prejudicando, por sua vez, a agricultura familiar.

Outro fato importante de se destacar é que a água disponível está sendo contaminada por agrotóxicos usados na plantação. Talvez não seja por coincidência que após os empreendimentos de José Sarney e de outros similares ao Mesquita, os habitantes tradicionais passaram a ter problemas sérios com pragas, prejudicando assim a cultura de feijão, abóbora, melancia, jiló, hortaliças.

Há uma suspeita de que a produção do principal fruto da região, o marmelo, esteja comprometida. As

pragas que fogem dos agrotóxicos migram para os plantios orgânicos das famílias quilombolas. Em uma fazenda vizinha às famílias Lisboa da Costa, a pulverização das plantações é feita com o uso de aviões agrícolas, há quem sinta de longe o odor característico da química que se espalha pelo ar.

O que preocupa a gente aqui também é a questão da saúde. Já ouvimos em outras comunidades que nem a nossa sobre doenças como o câncer, doenças de pele de visão e outras aí que aparecem por causa do contato com essas químicas. O Mesquita também tem casos assim. A gente tem medo porque eles jogam de tudo nas plantações para matar as pragas, e nem se importam se tão matando gente também... (depoimento de quilombola Mesquita).

No sentido de avanços da comunidade, a perda que já é grande em vários aspectos pode se tornar irreparável se for garantida a permanência de grileiros no território.

As áreas adequadas à preservação do bioma Cerrado e ao plantio de subsistência estão nas mãos de pessoas que não se preocupam com a preservação ambiental ou com o próximo.

A permanência de grileiros como Sarney constitui sério empecilho ao desenvolvimento das famílias por todas as questões já explicitadas. A terra ocupada em nome de José Sarney faz divisa com as que estão em nome do prefeito da Cidade Ocidental Fábio Correia de Oliveira, José Garcia Bueno e Francisco Avelar – ex-secretário de Viação e Obras de Cidade Ocidental e dono do condomínio Bem-te-vi – estão situadas em uma das áreas que originariamente pertenceu à matriarca quilombola Maria Pereira Dutra, mais conhecida como Maria Pereira, e posteriormente à Epifânia Pereira Braga e a seus herdeiros Antão e Antônia Pereira Braga.

Sobre a Fazenda Pericumã, esta foi obtida aparentemente na ilegalidade conforme noticiado pelo Jornal do Brasil em sua edição de 01 de agosto de 2009, sob o título *Sarney teria vendido terras compradas de comerciante morto*.

A matéria informa que o presidente do Senado teria comprado terras de um comerciante falecido cinco anos antes. *Joaquim de Araújo*

Mello morreu em 12 de dezembro de 1996, em junho de 2001, seu nome consta em registros do cartório de Luziânia como vendedor de parte do sítio São José do Pericumã, propriedade do senador Sarney.

O jornal *Folha de São Paulo* publicou em 21 de julho do mesmo ano o título *Empresa de Sarney move processo contra o próprio senador*. A matéria diz que, numa situação considerada irregular pela Justiça, uma empresa da qual Sarney é sócio move ação por usucapião contra ele próprio.

O texto se refere à Fazenda São José de Pericumã, situada no Kilombo Mesquita. Sarney comprou a fazenda nos anos 80 e a vendeu, em 2002, para a Divitex Pericumã Empreendimentos Imobiliários, empresa na qual o senador passou a ter 10% das ações.

Como não tinha o registro de toda a área ocupada por ele, de 146 hectares e sem a documentação o condomínio não poderá sair do papel, a Divitex recorreu ao instrumento do usucapião, com consentimento de Sarney. A Justiça deve extinguir o processo.

O processo se encontra na fase de segunda instância das contestações sobre a aprovação da delimitação definitiva da terra e já são claras as articulações políticas em nível nacional com a finalidade de beneficiar o grileiro José Sarney, bem como os demais, apoiadores da bancada ruralista na Câmara dos Deputados Federais.”



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss



Foto: Iaelina Bonfim

# “MINHA ESCOLA, MEU BOSQUE”

no CEF Polivalente, procura resgatar a importância do Cerrado

Na escola estão plantadas 570 árvores, contemplando 72 espécies do Cerrado

O que era um grande problema há pouco mais de dez anos, tornou-se um projeto vitorioso e relevante no Centro de Ensino Fundamental Polivalente (CEF Polivalente), na Quadra 913 da Asa Sul de Brasília.

Quem conta é o professor de Educação Física Elmer Rocha Paulin, pós-graduado em Educação Ambiental. Ele - juntamente com o professor Luiz Orione Ribeiro dos Santos, hoje aposentado (da extinta disciplina de Práticas Agrícolas), um dos pioneiros da área em Brasília - elaborou o Projeto de Implementação de Viveiro e

Bosque de Plantas Nativas do Cerrado, hoje “Minha Escola, Meu Bosque”.

“Na época [em 2006] tínhamos um sério problema. Precisávamos recuperar uma grande área degradada na escola e havia um boato de que o governo de então iria vender essa área para ser incorporada a uma universidade privada que funciona ao lado. Era preciso unir as necessidades e dar uma solução: os estudantes não tinham acesso à educação ambiental e, por outro lado, havia a necessidade de recuperar a área. Então, por que não aproveitar esse espaço para promover a educação ambiental ao invés

de simplesmente vendê-lo?”, indaga o professor.

De acordo com Elmer, o total desconhecimento do bioma que predomina em nossa região e a necessidade da sensibilização dos estudantes e da comunidade a respeito da importância da preservação do que ainda resta do Cerrado levou à realização do projeto, cujo objetivo maior é conscientizar os estudantes sobre a relevância do nosso bioma. O objetivo geral era compreender a necessidade de dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais os alunos interagem, aplicando-os no dia-a-dia.



“Sabemos que, apesar de existirem alguns parques nacionais, criados com o objetivo de preservar esse ecossistema, a soma total de suas áreas não chega a atingir 2% de toda a região original, o que é um número muito pequeno para conservar um acervo tão rico e tão extenso. O Cerrado é o bioma mais ameaçado do Brasil”, conta.

No Polivalente, em uma área de cerca de 5 mil m<sup>2</sup> hoje existem 570 árvores plantadas, contemplando 72 espécies do Cerrado. A temperatura nos arredores chegou a baixar 2 graus Celsius em relação à registrada em 2006 e houve aumento significativo de umidade. Há também a produção de mudas para replantio na própria escola ou para doação. Nas aulas, os estudantes trabalham todos os temas transversais de educação ambiental, como aquecimento solar, horta orgânica, entre outros. Mas a ideia era ir além, saltando os muros



Foto: Iaelina Bonfim

Professor Elmer Paulin:  
“Meio ambiente é onde a gente está”



Foto: Iaelina Bonfim

Atualmente, 80 estudantes participam diretamente do projeto

da escola. “Nas escolas em que não há condições de desenvolver um projeto ambiental maior, nós iríamos até lá com nossos estudantes plantar árvores, dar aulas - principalmente nas escolas-classe”, disse Elmer.

Para Elmer, “se um estudante em cada turma vier a ter visão sobre a preservação ambiental, sobre o desenvolvimento usando o ambiente sem destruí-lo, já me dou por satisfeito. Hoje, felizmente, temos vários exemplos. São ex-alunos que se tornaram agrônomos, engenheiros florestais, gestores ambientais. O objetivo sempre foi sensibilizar os estudantes. Meio ambiente não é só a Amazônia, por exemplo. Meio ambiente é onde a gente está - na escola, na nossa quadra, na cidade”.

**Programa ameaçado** - Iniciado em 2006 e componente do projeto político-pedagógico (PPP) - principal instrumento que orienta as ações da escola -, o programa abrangia todas as turmas do Polivalente e teve apoio tanto da secretaria de Educação quanto da direção

da escola. O resultado da iniciativa foi reconhecido através de diversos prêmios que o projeto conquistou não apenas no DF, mas por todo o país. Porém, isso só durou até 2009. Com a aposentadoria do professor Luiz Orione e a volta do professor Elmer à Educação Física, o projeto corre sérios riscos.

Hoje é feita somente a manutenção do bosque com os estudantes, plantio de árvores e sensibilização sobre o consumo de água.

Apenas 80 estudantes participam diretamente do projeto, dentro do universo de 1.300 alunos que estudam do 6º ao 9º ano no Polivalente. A produção de mudas por ano caiu de forma drástica.

Em 2016 e 2017, o projeto foi retirado do PPP. Para reverter a situação, o investimento para o secretário de Educação seria apenas a contratação de um profissional de Educação Física - mesmo que por contrato temporário - para que o professor efetivo atuasse 30 horas em PD (Educação Ambiental). Muito pouco frente aos benefícios que o projeto traz para a escola e à comunidade.

# A lenda do Guaraná,

## O FRUTO QUE CONTÉM A ESSÊNCIA DE TODOS OS OUTROS

Diz a lenda que Aguiry era um índiozinho muito feliz, que se alimentava somente de frutas que ele mesmo encontrava na floresta amazônica.

Todo santo dia, ainda no escurinho do amanhecer, Aguiry saía pela floresta e, quando voltava, trazia sempre um cesto grande, bem cheio de frutas, para distribuir com seus amigos da aldeia indígena de seu povo Maués.

Porém, um belo dia, Aguiry se afastou demais da aldeia e se perdeu na mata. Foi então que Jurupari, o demônio das trevas, o espírito do mal, que tinha corpo de morcego, bico de coruja, e que também se alimentava de frutas, transformou-se em uma serpente venenosa e, com uma picada certeira, matou Aguiry para tomar suas frutas.

Depois de muito esperar por sua volta,

vários índios da aldeia Maués saíram pela floresta, em busca de Aguiry. Ao encontrar seu corpinho inerte, eles choraram muito e, do céu, Tupã, o deus do bem, mandou uma chuva forte. Ainda molhados da chuva os amigos de Aguiry ouviram de Tupã uma ordem: que retirassem os olhinhos do menino e os plantassem debaixo de uma árvore bem próxima à aldeia.

Passado um tempo, no local onde a aldeia chorou muitas lágrimas pela morte de Aguiry, apareceu uma planta diferente, que produziu um lindo fruto vermelho com um forte ponto negro e que tinha o formato dos olhinhos do garoto. O pajé disse então que aquele fruto era o Guaraná, que continha a essência de todos os frutos da floresta, como se fosse o cesto grande que Aguiry sempre trazia pra casa.



“Não frequentas mais, de corpo comovido, os espaços do mundo. A medida do tempo não te alcança. Já ganhaste a dimensão do sonho, és luzeiro da esperança.”

Thiago de Mello

Em 2018, a luta dos povos da floresta completará 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem.

Porém, o tiro certo que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e liberdade. Chico Mendes continua vivo na memória e nos sonhos renovados de cada um e cada uma de nós.

O Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) começa agora o projeto CHICO MENDES – 30 ANOS rumo a uma grande mobilização nacional para honrar a memória e multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSA CAMINHADA.  
O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE FEITO PARA OS 30 ANOS DO ENCANTAMENTO DO CHICO MENDES?

MANDE SUA SUGESTÃO PARA:

[contato@xapuri.info](mailto:contato@xapuri.info)

*Chico Mendes Vive!*



# PAU PEREIRA: O PROFESSOR DO ABCERRADO

*"Mais belo que o pé-de-Ipê  
Só mesmo  
O Ipê de pé"  
Pau Pereira - Ipê*



Livia dos Reis Amorim

O professor Flávio Paulo Pereira (Pau Pereira) passou sua infância em Planaltina-DF, tendo como espaço para brincadeiras o próprio Cerrado, que sempre lhe despertou grande curiosidade.

Por meio da observação e de suas vivências com a comunidade local, e com seus pais, que eram "raizeiros", adquiriu imenso conhecimento empírico e consciência ecológica sobre a biodiversidade do Bioma Cerrado.

Mesmo sem possuir nenhum diploma relacionado ao assunto, é grande conhecedor das particularidades do Cerrado. *"Pois, no Cerrado, não sou um observador distante, ou um visitante. O Cerrado é o contexto onde faço sentido. Faço parte dele. O Cerrado*

*é o lugar do meu espaço-tempo: nele, eu sou".*

Pau Pereira é um artista nato, excepcional poeta, desenhista, pintor, escultor e músico, que vem consolidando um método de ensino com enorme eficácia, no qual trabalha o bioma Cerrado contextualizado com a realidade dos alunos.

A alfabetização se dá com o uso de objetos da cotidianidade do contexto social, físico e cultural dos alunos. A criança é envolvida e motivada de forma lúdica a participar de todas as atividades. Tornando-se efetivamente um sujeito ecológico, aprende na prática as especificidades do ambiente em que vive, se sente parte desse espaço; responsável

por sua preservação, desenvolve atitudes sustentáveis. Assim, a escola exerce seu papel, se torna capaz de melhorar a comunidade e preservar o ambiente em que está inserida.

Segundo o professor Pau Pereira, em 1999, ao iniciar suas atividades na Secretaria de Educação do Distrito Federal como professor da Escola-Classe Pipiripau, na zona rural de Planaltina-DF, percebeu que os alunos não demonstravam alegria durante as aulas; constatou que alfabetizar usando o E de elefante o Z de zebra parecia muitas vezes monótono e sem significado.

Então, com muita cautela e receio, começou a utilizar em suas aulas animais e plantas do Cer-

rado para auxiliar o processo de alfabetização. As professoras questionaram o professor sobre seu método de ensino, pois notaram a grande transformação no rendimento das crianças, que aprendiam com muita alegria. De acordo com o professor, seu objetivo era fazer com que os alunos aprendessem com prazer. E continua sendo.

Com o propósito de a escola ser lugar de alegria, o professor Pau Pereira vem a cada ano ampliando seu projeto denominado ABCerrado. A fauna e a flora passam a ser referência para as letras do alfabeto, trabalha-se a relação letra/som/fonema, formas, cores dentro de algo palpável, utilizando a musicalidade, a ludicidade e a transdisciplinaridade em todos os momentos, tendo o Cerrado como tema central.

Para complementar o projeto, o professor criou o bicho serrador e a MATOmática. No bicho serrador, os alunos coletam matéria morta do Cerrado para produção de esculturas, brinquedos, móveis e instrumentos utilizados na capoeira.

Na MATOmática ou matemática do mato, as crianças utilizam de forma lúdica quantidade de folhas e folíolos de árvores do Cerrado para conhecerem os números e realizar operações matemáticas de forma prazerosa. Uma aprendizagem de qualidade, em que os alunos tenham alegria e interesse em conhecer através das plantas e animais do Cerrado, esta é a proposta educativa do professor Pau Pereira.

Atualmente, o professor Pau Pereira atua na Escola Classe

Córrego do Meio, em Planaltina-DF, onde desenvolve suas práticas educativas através de práticas ecológicas na educação infantil e nas séries iniciais. Ao acompanhar uma trilha guiada pelo professor Pau Pereira e alunos do 4º e 5º anos, confesso que não acreditei em um primeiro momento, mas é realidade, aprendizagem para a vida toda.

As crianças conhecem o lugar onde vivem – sua flora e fauna, sabem seus nomes, suas características, o valor da biodiversidade do Cerrado e a importância de sua preservação. É surpreendente observar as crianças falarem com propriedade sobre plantas e animais do Cerrado, em poucos minutos aprendi muito com elas.

Muitos especialistas não têm o conhecimento que essas crianças adquiriram, confirmando a afirmação de Moacir Gadotti *"a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação"*.

O projeto ABCerrado recebeu o Prêmio EAP de melhor projeto da educação infantil (2002) e o Prêmio Tom do Pantanal da Fundação Roberto Marinho (2003), por estimular a valorização da socio-biodiversidade do Cerrado, melhorando a relação ser humano/natureza, pois prepara as crianças para uma aprendizagem baseada na natureza.

Para Altair Sales Barbosa, um dos maiores pesquisadores do bioma Cerrado, os educadores deveriam pensar que ainda é tempo de salvar o que resta do Cerrado, as escolas têm de trabalhar a consciência e não ape-

nas o conhecimento. Sendo assim, o professor Pau Pereira com seu projeto ABCerrado deve ser exemplo a ser seguido por ser capaz de formar uma consciência ecológica nos alunos e estimular a construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades.

## BEM-TE-VI

*Bem-te-ui, bem-te-ui  
Quando fui no Cerrado  
Tava comendo pequi*

*Bem-te-ui, bem-te-ui  
Quando eu ia no Cerrado  
La caçar murici*

*Bem-te-ui, bem-te-ui  
Acabaram com o Cerrado  
E você fugiu daqui.*



**Livia dos Reis Amorim** – Mestre em Ciência da Educação, Doutoranda em Ciência da Educação, Gestora da Escola Classe Córrego do Meio.

# GREVE GARANTE GRANDES CONQUISTAS PARA A EDUCAÇÃO

"A batalha foi árdua, mas vitoriosa. Depois de inúmeras reuniões e negociações, finalmente o governo do Estado atendeu às solicitações dos trabalhadores em Educação."

**BIA DE LIMA – PRESIDENTA DO SINTEGO**



Depois um árduo e longo processo de negociação, a Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás encerrou uma greve de 41 dias com grandes conquistas para a categoria.

Em reunião com a diretoria do SinteGO, no dia 24 de abril, na

presença da secretária de Educação Raquel Teixeira, o Governador Marconi Perillo aceitou oficialmente a proposta do movimento.

Para Bia de Lima, presidenta do SinteGO, a greve trouxe conquistas pelas quais os trabalhadores lutavam há 16 anos. "Essa

vitória é resultado da dedicação e persistência de nossa categoria. Ela mostra que precisamos continuar unidos e na luta para mantermos nossos direitos e o respeito que merecemos," disse Bia na reunião na qual se firmou o acordo com o governo do Estado.

## 11 PRINCIPAIS CONQUISTAS DA GREVE

O SinteGO celebra, com alegria, as onze principais conquistas da Greve. Confira:

#	CONQUISTAS DA GREVE
01	21% de reajuste para os administrativos, que estavam há 3 anos sem nada.
02	34% de reajuste para os contratos temporários.
03	7,64% de reajuste para os professores de todos os níveis: PI, PII, PIII e PIV, inclusive os aposentados.
04	Progressão para 448 professores do Quadro Permanente do Magistério.
05	Concurso público para 900 professores PIII e 100 administrativos.
06	Auxílio-alimentação de R\$ 500,00 para administrativos, professores efetivos, comissionados e temporários (conquista adicional, não prevista na pauta inicial de demandas).
07	Resolução do Quadro Transitório do Magistério – QTM, com equiparação do PIII e inclusão de todos os profissionais desta faixa no quadro de PIII.
08	Gratificação por Dedicação em Período Integral (GDPI) para professores, coordenadores e diretores das escolas em tempo integral.
09	20% de aumento para os recursos destinados à merenda escolar.
10	58% de aumento para o Pró-Escola (programa de custeio de reformas e reparosem emergenciais das unidades de ensino).
11	Recriação das 40 subsecretarias, porém com outra nomenclatura e estrutura funcional.

## A GREVE PASSO-A-PASSO

Com muito orgulho, o SinteGO compartilha também o passo-a-passo dos 41 dias desta Greve vitoriosa:

DATA	AÇÃO
08 de março	SinteGO coloca 5 mil pessoas nas ruas na comemoração ao Dia da Mulher e em assembleia trabalhadores votam pelo início da greve no dia 15 de março, data marcada pela CNTE para Greve Geral da Educação contra as reformas de Temer.
15 de março	SinteGO atende convocação da CNTE e decreta greve geral: 20 mil vão às ruas.
21 de março	O SinteGO faz ato público na porta da Secretaria de Educação – SEDUCE.
24 de março	O SinteGO mantém a Greve e organiza uma vigília semanal dos trabalhadores da Educação contra o PEC 3548 (Pacote da Maldade).
31 de março	5 mil professores, convocados pelo SinteGO, saem às ruas de Goiânia em protesto contra a PEC da Morte de Marconi, em defesa do Piso e Data-Base, e contra a Reforma da Previdência.
06 de abril	O SinteGO e o Fórum Sindical são recebidos pela equipe econômica do governo Marconi Perillo, para a discussão da PEC da Morte goiana e a pauta de reivindicações do funcionalismo de Goiás.
11 de abril	O SinteGO se reúne com a PGE, a Sefaz e a Seduce e inicia negociação do Piso e da Data-Base.
12 de abril	Votação da PEC da Morte goiana é adiada para 25 de abril.
24 de abril	24 de abril - O Governador chama o SinteGO para uma reunião de negociação direta, com a participação de seus secretários da Educação, Fazenda e Casa Civil e, durante a reunião, anuncia o reajuste para professores, administrativos, temporários e quadro transitório da Educação.
25 de abril	Assembleia da categoria aprova a negociação feita pelo SinteGO com o governo e encerra a greve.

# O RESGATE DA PLANETIZAÇÃO/GLOBALIZAÇÃO

Leonardo Boff



Hoje há uma forte confrontação com o processo de globalização, exacerbado por Donald Trump, que reforçou fortemente o "América em primeiro lugar", melhor dito, "só a América". Trump move uma guerra contra as corporações globalizadas em favor das corporações dentro dos USA.

Importa entender que se trata de uma luta contra os grandes conglomerados econômico-financeiros que controlam grande parte da riqueza mundial na mão de um número pequeníssimo de pessoas. Segundo J. Stiglitz, prêmio Nobel de economia, temos a ver com 1% de bilionários contra 99% de dependentes e empobrecidos.

Este tipo de globalização é de natureza econômico-financeira, dinossáurica, no dizer de Edgar Morin, a fase de ferro da globalização. Mas a globalização é mais que a economia. Trata-se de um processo irreversível, uma nova etapa da evolução da Terra a quando a descobrimos, vendo-a de suas naves espaciais, a partir de fora, como no-lo testemunharam os astronautas. Aí fica claro que Terra e Humanidade formam uma única entidade complexa.

Impactante é o testemunho do astronauta norte-americano John W. Young, por ocasião da quinta viagem à Lua, no dia 16 de abril de 1972: "Lá embaixo, está a Terra, este planeta azul-branco, bellissimo, resplandecente, nossa pátria humana. Daqui da Lua eu o seguro na palma de minha mão. E desta perspectiva não há nele brancos ou negros, divisões entre leste e oeste, comunistas e capitalistas, norte e sul. Todos formamos uma única Terra. Temos que aprender a amar este planeta do qual somos parte".

A partir desta experiência, soam proféticas e provocativas

as palavras de Pierre Teilhard de Chardin ainda em 1933: "A idade das nações passou. Se não quisermos morrer, é hora de sacudirmos os velhos preconceitos e construir a Terra. A Terra não se tornará consciente de si mesma por nenhum outro meio senão pela crise de conversão e de transformação".

Esta crise se instalou nas nossas mentes: somos agora responsáveis pela única Casa Comum que temos. Ao inventarmos os meios de nossa própria autodestruição, aumentou ainda mais nossa responsabilidade pelo todo do planeta.

Se bem repararmos, esta consciência irrompeu já nos albores do século XVI, precisamente em 1521, quando Magalhães fez pela primeira vez o périplo do globo terrestre, comprovando empiricamente que a Terra é de fato redonda e podemos alcançá-la a partir de qualquer ponto de onde estivermos.

Inicialmente a globalização realizou-se na forma de ocidentalização do mundo. A Europa deu início à aventura colonialista e imperialista de conquista e dominação de todas as terras descobertas e a descobrir, postas serviço dos interesses europeus corporificados na vontade de poder que bem podemos traduzir como vontade de enriquecimento ilimitado, de imposição da cultura branca, de suas formas políticas e de sua religião cristã.

A partir das vítimas desse processo, essa aventura se fez sob grande violência, [à custa de] de genocídios, etnocídios e de ecocídios. Ela significou para a maioria dos povos um trauma e uma tragédia, cujas consequências se fazem sentir até os dias de hoje, também entre nós que fomos colonizados, que introduzimos a

escravidão e nos rendemos às grandes potências imperialistas.

Hoje temos que resgatar o sentido positivo e irrenunciável da planetização, palavra melhor que globalização, devido à sua conotação econômica. A ONU, no dia 22 de abril de 2009, oficializou a nomenclatura de *Mãe Terra* para dar-lhe um sentido de algo vivo que deve ser respeitado e venerado como o fazemos com nossas mães.

O Papa Francisco divulgou a expressão *Casa Comum* para mostrar a profunda unidade da espécie humana habitando num mesmo espaço comum.

Esse processo é um salto para frente no processo da geogênese. Não podemos retroceder e fecharmo-nos, como pretende Trump, nos nossos limites nacionais com uma consciência diminuída.

Temos que adequarmo-nos a esse novo passo que a Terra deu, esse super-organismo vivo, segundo a tese de Gaia. Nós somos o momento de consciência e de inteligência da Terra. Por isso somos a Terra que sente, pensa, ama, cuida e venera. Somos os únicos entre os seres da natureza cuja missão ética é de cuidar desta herança bem-aventurada, fazê-la um lar habitável para nós e para toda a comunidade de vida.

Não estamos correspondendo a este chamado da própria Terra. Por isso temos que despertar e assumir essa nobre missão de construir a verdadeira planetização.



**Leonardo Boff**  
Filósofo, Teólogo, Escritor.



# EDEL NAZARÉ DE MORAES TENÓRIO:

Uma mulher com marca  
de água, de mato,  
de terra, de flor, e de luta

Iêda Vilas-Bôas

*“Não é só brigar pela terra,  
mas também para obter o reconhecimento de que nós estamos lá.”*

A luta de Edel, essa jovem liderança guerreira das populações tradicionais, vice-presidente do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), está centrada em manter os direitos preservados e em fazer com que governo e comunidade respeitem a tradicionalidade e a identidade dos povos que representa.

Nascida em um açcaizal da ilha do Marajó, Edel não quer ser conhecida somente como ribeirinha e assim se explica: *“Chamam-nos ribeirinhos, mas sem perguntar-nos se queremos ser chamados assim”*. Para ela, não se pode dividir o Brasil somente em campo e cidade, há que se levar em conta que existem muitas peculiaridades entre as distintas regiões e partes do país.

Mas afinal, quem é essa mulher? Edel Moraes é professora, negra, marajoara, combativa, lutadora, amorosa, amável, de-

dicada. Competente, reflexiva, solidária, comprometida com suas causas, uma ativista social extremamente sensível aos problemas do próximo.

No sobrenome dessa cabocla guerreira deveria figurar a palavra LUTA, pois ela própria representa muitas lutas: pelos direitos e reconhecimento da mulher, pelos seus muitos companheiros e companheiras extrativistas, pela sustentabilidade do planeta, pela diminuição e aceitação das diferenças entre homens e mulheres, negros e brancos, rurais e urbanos e ainda muitas outras mais.

Nasceu em 1978, no Município de Curralinho, localizado no arquipélago do Marajó-PA, filha do Sr. Dudu e da dona Celia, trabalhadores rurais de extrativismo sustentável sempre envolvidos em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Ainda menina,

para poder aprender e estudar cuidava de outra criança. Muita responsabilidade para a pequena Edel, que viveu na pele a dura realidade do trabalho infantil, fruto perverso do sistema capitalista.

Entretanto, a menina dominou o medo, a saudade da família, a ausência materna, os conselhos paternos, enfrentou os inúmeros desafios e, como forma de se fortalecer, passou a atuar ativamente em movimentos da igreja, como a catequese e a pastoral da criança e juventude. Como consolo – o estudo.

Edel sabia intuitivamente que somente através da escola é que teria acesso a outros espaços para fortalecer seus sonhos e fazer deles objetivos de vida. Conseguiu e hoje o seu sonho transformou-se em sonho coletivo. Seu sonho estende-se à sua comunidade e às suas batalhas.

Na capital Paraense foi de babá a empregada doméstica. E através do suor de seu esforço em trabalhos gerais, muitas vezes explorados, concluiu o Ensino Médio em Escola Pública Estadual. A vida deu voltas e trouxe Edel, em 2000, novamente para o Município de Curralinho/PA.

Começou aí seu envolvimento com o movimento social de forma mais efetiva. Em 2001 concorreu e obteve êxito na primeira eleição do Conselho Tutelar do Município de Curralinho, representando o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR, e ali se manteve por dois mandatos, num total de oito anos.

Daí para a frente a luta não se interrompeu. Foi relatora da audiência pública para criação da Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba, localizada no Município de Curralinho, no arquipélago do Marajó, no estado do Pará.

Em 2005 entrou para a Universidade Estadual Vale do Acaraú e, enfrentando muita dificuldade financeira, concluiu, em 2008, o curso de Pedagogia, recebendo na ocasião o título de Honra ao Mérito de melhor aluna da turma. Mais um patamar subido e com muita honra, pois foi a primeira de sua família com formação em nível superior.

Depois veio, em 2009, o curso de Especialização em Educação do Campo, Desenvolvimento e Sustentabilidade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Edel também passou a integrar o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia (Geperuaz) – UFPA, de onde vem fazendo pesquisas relacionadas à educação do campo e da Floresta.

Esse trabalho resultou na publicação de dois capítulos

no livro *“Educação de direitos” – Editora Ática (2010)* e na colaboração da produção de um documentário sobre a Educação do Campo, denominado *“Rios de Saberes (2012)”*. Ainda em 2009 foi assessora especial no Governo do Estado do Pará, na diretoria do Planejamento Territorial Participativo.

A vida profissional e a vida pessoal de Edel encontram-se



totalmente imbricadas por temáticas tais como a educação não formal, multiplicação de conhecimentos sobre as lutas sociais e políticas, atuação no movimento social (catequese, pastoral da criança, associação de mulheres, STTR), participação no projeto social “Mova Ajuari”, como assessora pedagógica, e no “Mova Pará Alfabetizado”, como Técnica Pedagógica, dois projetos de alfabetização desenvolvidos com alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Em 2010 coordenou o Território da Cidadania do Arquipélago do Marajó; de 2011 até início

de 2013, atuou como assessora local no “Projeto Medida de Desenvolvimento do Marajó”, trabalho realizado pela Agência de Cooperação Alemã GIZ, em parceria com o CNS, Instituto de Desenvolvimento Florestal do Pará (Ideflor) e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), juntamente com a RESEX Terra Grande-Pracuúba e comunidades marajoaras da RESEX Mapuá, situada no município de Breves, Arquipélago do Marajó.

Em 2012 foi eleita no congresso do CNS, para a função de Diretora Nacional, e em 2015 foi reconduzida para mais um mandato. Em 2013 e 2014, Edel foi esparramar suas ideias na Alemanha e na Austrália. Em 2015, foi parceira na realização das Marchas das Margaridas coordenando a temática: Sociobiodiversidade e acesso a bens comuns.

Em 2016, sua caminhada continuou intensa e, em 2017, vai-se equilibrando entre a produção caseira de artesanato para pagar estada em Brasília, onde, neste próximo mês de junho, termina o mestrado em Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Brasília (UnB), e suas inúmeras atividades de representação do CNS e dos povos da floresta.

A guerreira Edel não para em sua missão de ativista social. Segue em frente com a doçura das mulheres fortes, pelejando contra as agruras da vida, sem – jamais – se esquecer de suas raízes. Sempre que deixa sua floresta sabe que vai regressar ainda mais forte, pois seu espírito vive amarrado ao seu povo e ao seu lugar!



**Iêda Vilas-Bôas**  
Escritora

Trabalhadores

# RESGATAM AS LUTAS

dos séculos 19 e 20

Trajano Jardim



O mês de abril, com seu histórico fático criado em 1964, depois do desastre causado pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff que alçou ao poder o governo ilegítimo de Michel Temer, a Greve Geral do dia 28 inverteu o cenário político e sindical, que estava contrário aos setores sociais e progressistas.

Nem mesmo o discurso único da cloaca de comentaristas da mídia conservadora e reacionária, encomendado a peso de ouro pelo governo, conseguiu encobrir o sucesso da vitoriosa Greve Geral, que vem causando estragos nas hostes governistas e colocou em polvorosa a base parlamentar, constituída, em sua maioria, de indivíduos sem cultura provenientes dos setores mais atrasados da sociedade, que só têm um objetivo, fazer negociata com seus mandatos e enriquecer a custa do Erário.

O movimento sindical, em letargia pela "síndrome da ilusão do poder", em razão de a maioria dos seus melhores quadros assumiram cargos institucionais, criou a ilusão de que a luta de classe era uma coisa do passado. O excesso de expontaneísmo e menosprezo dos seus líderes pelas formas das organizações centralizadas ficaram a reboque de entidades que surgiram com programas de supervalorização da luta exclusivamente econômica, em detrimento da luta política. Esse posicionamento favoreceu ao golpe.

O tsunami provocado pelo governo, instalado pelo golpe parlamentar-judicial-midiático, não tem um programa próprio de uma corrente política. Ele é o estafeta condutor da cartilha do "Consenso de Washington" em moldes mais modernos e altamente destrutivos. Na base dessa ofensiva capitalista, as reformas em curso são apenas uma parte de um capítulo marcante da destruição dos direitos dos trabalhadores.

Na opinião do professor da Unicamp, Reginaldo Moraes, as reformas não afetam apenas economicamente a população que trabalha. "mas também por embutir na vítima a responsabilidade por seu eventual fracasso. Se você não acha emprego bom, é por não ter se esforçado para desenvolver sua 'empregabilidade'".

É uma ofensiva de classe. Para os que pensavam ser esse discurso velho, está demonstrado mais atual do que nunca. Estamos diante da contradição "capital

versus trabalho". O futuro que se apresenta é o caráter de modernização por que precisa passar o movimento sindical brasileiro, com a transformação de todo o arcabouço construído, baseadas nas chamadas "novas formas modernas" do novo sindicalismo. Os grupos à frente do processo político, o executivo, parlamento, justiça, com apoio da grande mídia, estão a serviço do capitalismo internacional, cujo projeto é destruir a soberania nacional em todas as suas estruturas.

A terceira década do século 20, principalmente o ano de 1922, prometia para o Brasil momentos importantes para o salto da sociedade da concepção oligárquica escravagista e autoritária, para assistir um cenário com uma sucessão de acontecimentos que mudaria radicalmente a face política e cultural do Brasil. Começaram a surgir no plano nacional diversos atores sociais e políticos que contribuíram de forma decisiva para o declínio e derrocada da Velha República.

Porém, as elites brasileiras jamais toleraram que o trabalhador brasileiro se organizasse como classe. Mais de um século e meio se passou, desde a primeira greve de um setor operário organizado, quando os tipógrafos do Rio de Janeiro, em 1858, cruzaram os braços contra as injustiças patronais e por melhores salários e da grande jornada de 1917, com a primeira Greve Geral no Brasil. A greve unitária de 28 de abril, como aquela, deve servir de alavanca para a construção de uma "Frente Ampla de Unidade", da classe trabalhadora e dos movimentos sociais organizados, fundante em um programa mínimo de luta, "que defenda os direitos da classe trabalhadora, a democracia, as liberdades políticas e a soberania nacional". A jornada de 28 de abril pode ser a retomada das lutas operárias dos séculos 19 e 20.



**Trajano Jardim**  
Jornalista e Professor  
Universitário



# AS BLITZE SUBVERSIVAS

Antenor Pinheiro

O Código de Trânsito Brasileiro/CTB é uma bela intenção, ainda que lhe falte o respeito de quem deveria zelar por seu cumprimento em defesa da vida. Não os condutores e pedestres que são sua finalidade, mas o próprio governo que lhe subverte os objetivos.

Com 19 anos incompletos, ainda hoje estão inconclusas diversas das cláusulas do CTB, pendentes de regulamentação, e muito pouco foi feito para que melhor sejam aplicados seus preceitos, de sorte a evitar a grave morbimortalidade que leva o país à quinta nação do planeta no quesito violência em números absolutos.

E eis que os governos estaduais tiveram uma "boa ideia" com o vilipendiado CTB, fazendo deste limão a limonada necessária para atenuar a inadimplência com o Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores/IPVA.

Pegaram emprestado o CTB, distorceram seu artigo 230 no que diz respeito à apreensão do veículo, quando não esteja registrado e devidamente licenciado, e criaram "batalhões de polícia (PM) fazendária" para realizar blitzes destinadas a reprimir os inadimplentes com o imposto.

Ocorre que a apreensão prevista no CTB não se refere ao imposto não pago, mas ao licenciamento não atualizado, cuja expedição não é possível sem a quitação do IPVA. Ou seja, a fiscalização de documentos de porte obrigatório é de competência da polícia de trânsito, não da inusitada "polícia fazendária", cuja razão de ser é reprimir cidadãos com impostos não pagos. São duas coisas distintas: inadimplência com impostos e porte obrigatório de documentos para circulação viária.

A doutrina determina que apreensão é confisco, ação de se apropriar legalmen-

te de alguma coisa, no caso aqui representado, o veículo cujo proprietário esteja inadimplente com a receita. Subversão explícita, pois a Constituição Federal veda utilizar tributo com efeito de confisco. Está escrito lá no seu artigo 150, inciso IV. Ou IPVA não é tributo? Eis a questão!

Os tecnocratas são inteligentes. Compreendem que o veículo automotor é o bem patrimonial mais valioso para o cidadão brasileiro, mais que a casa, a escola, o trabalho, a saúde. Uma celeuma cultural que somente a variante "educação" haverá de corrigir. Por isso, descobriram a roda novamente, fazendo desta anomalia antropológica uma moeda valiosa para fazer jus à sua razão de ser: arrecadar.

Pagar impostos é obrigação cidadã, e se lhe faltar o cidadão deve o Estado reprimir. Porém, o problema aqui estabelecido não corresponde a qualquer tipo de inconfidência que justifique o destino de Tiradentes. A inadimplência do pagamento do IPVA, que é questão de receita fazendária, impede a emissão do registro e licenciamento para o veículo circular, que é questão de trânsito. Não deve, portanto, ser justificativa legal para a consumação do confisco, ou o enforcamento de quem quer que seja.

Isto é, quando o governo se utiliza do CTB para obrigar o pagamento de tributo é o mesmo que pedir emprestada a corda do vizinho para enforcar o próprio por descabido propósito. Subversão e inversão de finalidades explícitas!



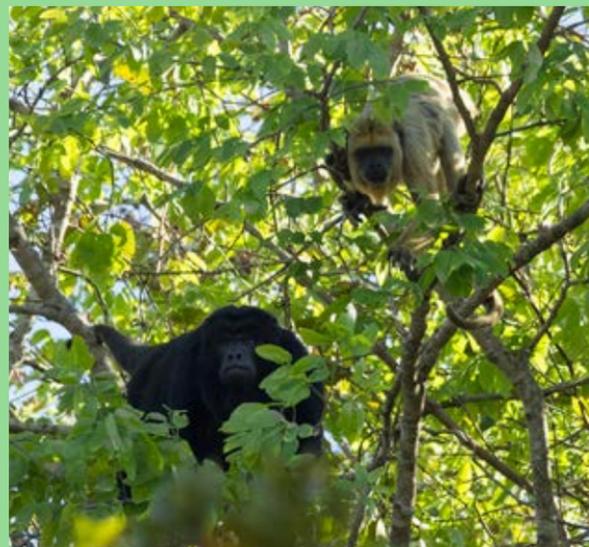
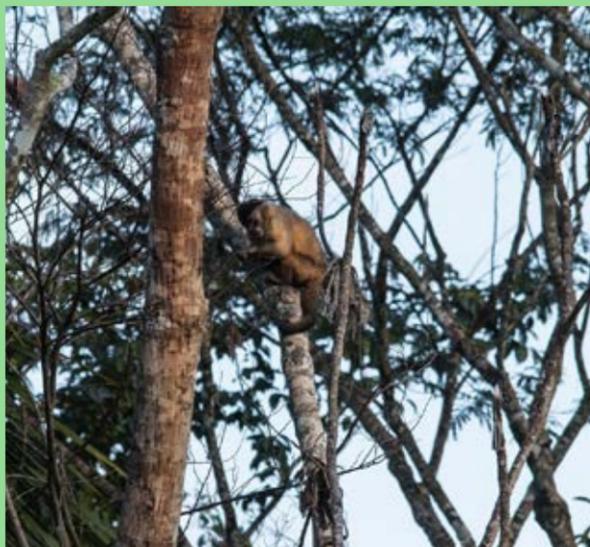
**Antenor Pinheiro**  
Jornalista, membro da  
Associação Nacional de  
Transportes Públicos/ANTP



## FEBRE AMARELA:

O macaco não tem culpa, é mais uma vítima!

Izalete Tavares



Fotos: Izalete Tavares

À medida em quem casos de febre amarela em macacos são relatados em vários locais do Brasil, eles passaram a enfrentar grande perseguição. Por falta de informação e por medo, as pessoas buscam eliminar os macacos usando armas, venenos em comidas, ou jogando paus e pedradas na direção dos animais.

Mas, ao contrário do que muita gente pensa, os macacos são extremamente sensíveis ao vírus, mas não são transmissores da doença, são apenas mais uma vítima. Até o momento, o bugio (só no Espírito Santo, já morreram mais de 1.100 animais) é o macaco mais atingido pela febre amarela, mas não é a única espécie que está sofrendo com o vírus.

Os seres humanos também estão sendo afetados pelo vírus da doença, inclusive com alguns casos de morte registrados este ano no Brasil. Mas, ao contrário de nós, os macacos não contam com a proteção de uma vacina. Por isso, muitas mortes do animal ocorrem onde a febre amarela está mais concentrada. Suas mortes nos mostram para onde o vírus avança.

Os verdadeiros vilões por trás da febre amarela são os mosquitos *Aedes aegypti*, o mesmo mosquito que transmite a dengue

na zona urbana, e mosquitos dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes*, que transmitem o vírus na zona rural e silvestre. Além disso, o desmatamento e a falta de cuidado com o meio ambiente também contribuem para que desastres como esse sejam cada vez mais comuns.

Agora que já temos essa informação, vamos cuidar de nossos macacos! Eles também são vítimas, perdem vidas, têm seus bandos e famílias desestruturados, e sofrem como nós. Sem os macacos em nosso ecossistema, enfrentaríamos um verdadeiro caos, pois eles são extremamente importantes para o bom funcionamento de nosso meio ambiente.

O macaco não pode fazer nada, mas nós podemos evitar a febre amarela. Lembre-se de tomar sua vacina. Ela, agora, é válida por toda a vida e já pode ser tomada nos primeiros seis meses de vida. Mas, antes, cheque se você pode tomá-la ou não. Algumas pessoas são alérgicas. Para mais informações, procure uma unidade de saúde da sua região.

**Izalete Tavares**  
Estudante

# NÃO ÀS REFORMAS TRABALHISTA E DA PREVIDÊNCIA

## O DIA EM QUE OS TRABALHADORES PARARAM O BRASIL



**B**rasil, 28 de Abril de 2017. Cem anos após a primeira grande greve geral dos trabalhadores, a história se repete. Atendendo à convocação da CUT e demais centrais sindicais, milhões de trabalhadores cruzaram os braços e foram para as ruas para mostrar sua insatisfação e indignação e dizer ao governo ilegítimo de Temer que não aceitam as reformas trabalhista e da Previdência, a lei da terceirização generalizada e o desmonte dos bancos públicos.

Em todos os cantos do país, bancários, professores da rede pública e privada, petroleiros, metalúrgicos, médicos e servidores públicos federais, estaduais e municipais, além de um sem-número de militantes de movimentos sociais e estudantes, demonstravam sua capacidade de organização e mobilização conjunta em defesa dos seus direitos.

Estima-se que a paralisação superou em números a grande greve de 1989, quando cerca de 35 milhões de trabalhadores suspenderam suas atividades.

Tamanha foi a envergadura da mobilização que logo nas primeiras horas do dia a Greve Geral já dominava o noticiário nacional, que costuma ignorar as manifestações dos trabalhadores, corria o mundo e era destaque na imprensa internacional - repercussão que colocou a hashtag **#BrasilEmGreve** nos assuntos mais comentados do Twitter.

*“Só que, infelizmente, a imprensa no Brasil mais uma vez fez uma cobertura parcial, sem debater a fundo os motivos pelos quais os trabalhadores pararam, manipulando os fatos e partidarizando a mobilização”,* criticou o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, **Eduardo Araújo**.

Em Brasília, o que se viu foi uma sexta-feira atípica de véspera de feriado prolongado. A cidade amanheceu silenciosa. Além do Plano Piloto, a mobilização atingiu quase todas as cidades-satélites. Trabalhadores de diversas categorias aderiram ao movimento. Grande parte do comércio fechou suas portas. Não houve circulação de ônibus nem do metrô. A

efervescente Rodoviária do Plano Piloto, por onde passam diariamente milhares de pessoas, ficou vazia.

Era o mesmo cenário que se viu na Esplanada dos Ministérios, que só se alterou por volta das 10h, quando os trabalhadores começaram a ocupar a avenida que dá acesso à Praça dos Três Poderes, onde permaneceram até o final do dia.

*“Foi o despertar do conjunto da sociedade frente a tantos ataques”,* ressaltou **Rodrigo Britto**, presidente da CUT Brasília. *“Essa foi apenas uma demonstração de que a classe trabalhadora e os movimentos sociais são capazes de fazer para defender a aposentadoria, a legislação trabalhista, as conquistas sociais e todos os direitos que nos querem usurpar”,* garantiu Britto.





Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **110**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **199**,00

24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA  
DIGITAL**

**ANUAL**

R\$ **55**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **99**,00

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA  
(DO MÊS DA ASSINATURA)

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)